

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO NORTE
CENTRO DE CIÊNCIAS HUMANAS, LETRAS E ARTES
DEPARTAMENTO DE HISTÓRIA

DA ESCOLA AO LAR: *a mulher na cidade do Natal (1915-1930)*



Franknilda Mácia de Medeiros Dias

Natal/RN, 2002

FRANKNILDA MÁCIA DE MEDEIROS DIAS



DA ESCOLA AO LAR: a mulher na cidade do Natal (1915-1930).

Monografia apresentada à disciplina Pesquisa Histórica II, ministrada pela professora Denise Mattos Monteiro, do curso de História da Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Sob a orientação do professor Raimundo Pereira Alencar Arrais.

Natal - RN, 2002

*"Lastimei ser mulher... Não mais porém lastimo
Desde que descobri meu coração pulsando
Às carícias gentis de outro coração.*

*Era orgulho o que vinha a transbordar-me do imo,
O orgulho de quem sente a vida ir deslizando
Sem loucuras de amor, sem surtos de paixão.*

*Eu queria enfrentar o mundo com energia
Sem respeito ao clamor das práticas sociais.
"o amor," dizia eu rindo, "é um vício, é fantasia,
é um jogo também de conseqüências más."*

*"Prefiro a glória." Entanto aquilo de que eu ria
veio-me alfim e então veio com assomos tais
Que os meus sonhos deixei - divagações, poesia
E a velha independência hoje não quero mais"*

(Cecilia Rodrigues, 1916)

À meu amado Sidney, porque, mesmo quando deixei de acreditar em mim e estive em pedaços, ele me depositou fé, amor, confiança e me viu sempre por inteiro.

AGRADECIMENTOS

Ao professor Raimundo Pereira Alencar Arrais da UFRN, pelo exemplo de pesquisador que me motivou na realização deste trabalho, bem como pela paciência e disposição na orientação.

À professora Francisca Aurinete Girão Barreto da UFRN, pela ajuda nas correções de notas bibliográficas e pelo apoio sempre presente nos momentos difíceis.

À Jorge Tavares, funcionário do Núcleo de Estudos Históricos, que com muita gentileza facilitou o acesso a algumas obras necessárias na execução desta pesquisa.

À Lilliane Dantas Gonçalves pelo apoio e sugestões.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....	06
01 - A MODERNIZAÇÃO DAS CIDADES BRASILEIRAS.....	09
1.1 – Reformas urbanas na cidade do Natal.....	10
1.2 – Intervenções urbanas em outras capitais brasileiras.....	18
2 -- MULHERES NO ESPAÇO PÚBLICO E PRIVADO.....	23
2.1 -- A mulher na esfera familiar.....	28
2.2 -- Mulheres nas ruas.....	31
3 - MULHERES NA SALA DE AULA.....	35
3.1 -- A educação doméstica em Natal.....	37
CONCLUSÃO.....	46
FONTES.....	48
BIBLIOGRAFIA.....	49
ANEXOS.....	53

INTRODUÇÃO

A condição feminina, por longas décadas foi entendida e tratada como abstrata e universal. Os papéis femininos eram encarados numa dimensão a-histórica, o que empurrava as mulheres para espaços míticos, sacralizados, onde exerceriam misteres apropriados, alheias dos fatos e ausentes da história. Diante disso, os papéis femininos eram colocados às margens dos estudos e produções historiográficas.

A reconstrução dos papéis sociais femininos, como mediações que possibilitem a sua integração na globalidade do processo histórico de seu tempo, parece um modo promissor de lutar contra o plano dos mitos, normas e esterótipos. Apenas há algumas décadas a historiografia nacional vem se voltando à reconstrução da memória de grupos sociais marginalizados do poder, o que vem a favorecer o resgate social das mulheres.¹

A produção historiográfica voltada para o estudo da mulher norte-rio-grandense limita-se em sua grande maioria, à abordagem de feitos pioneiros, orientados por concepções feministas ou subordinados às noções do gênero, não havendo, portanto, a preocupação explícita ~~de~~ analisar a figura feminina enquanto agente ativo, integrante na construção do processo de evolução e transformação da sociedade em que está inserida.

Nesse contexto, torna-se necessário preencher as lacunas existentes nessa área da historiografia social do Estado do Rio Grande do Norte, reconstruindo as relações entre as modificações da vida cotidiana, em decorrência da intensificação do processo de urbanização da cidade do Natal e a educação dirigida à mulher. No processo de reconstrução das relações entre cidade-família-indivíduo, a figura feminina apresenta-se como um elemento essencial, atuando no papel de mãe, esposa e/ou cidadã; esse papel que lhe é destinado pela sociedade.

Compreendendo a importância da mulher no resgate da memória e da história social de um povo, a presente pesquisa objetiva contribuir para a reconstrução e compreensão de quem era a mulher potiguar das primeiras décadas do século XX, quais foram as formas e os meios empregados pela sociedade norte-rio-grandense na construção da imagem da mulher moderna.

¹ Exemplos de pesquisas que resgatam os papéis femininos, consultar: DIAS, Maria Odila Leite e Silva. Quotidiano e poder: em São Paulo séc. XIX. SOIHET, Rachel. Mulheres pobres e violência no Brasil urbano. In MARY, Priore Del (Org). História das mulheres no Brasil. 1997

A cidade do Natal transforma-se em meio ao processo de reformas urbanas e da abertura à novas possibilidades de contatos e relações sociais. A busca da aparência modernizante, fez da cidade um grande canteiro de obras. O corte cronológico da pesquisa abrange o período de 1915 à 1930, momento em que as intervenções públicas se intensificaram na área urbana da capital, alterando o ritmo de vida e alguns valores da sociedade potiguar; foi também nesse período que fora inaugurada a primeira escola com ensino doméstico da América do Sul, destinada às moças da sociedade. Os papéis femininos passam a ser redefinidos: seu espaço e modo de comportamento são encarados e moldados, através de diversos meios e instituições atrelados à uma nova ótica, com base nas aspirações de uma nação moderna².

Por se tratar de um trabalho inédito, a pesquisa apresenta limitações no que diz respeito ao trato direto com as fontes. O reduzido material existente e as precárias condições em que se encontravam os jornais e periódicos destinado ao público feminino, fontes de imensa importância para a pesquisa, pois expressavam os discursos que eram destinados à formação da sociedade recém-urbanizada e objetivavam construir e moldar a mulher potiguar ao perfil instituído para o sexo feminino, dificultaram o processo de andamento da presente pesquisa. Além disto, o fato de não haver pesquisas sobre a relação entre o processo de urbanização da cidade do Natal e a condição da mulher, também dificultou o trabalho do pesquisador.

Particularmente três trabalhos foram usados como suporte teórico: o livro *Do cabaré ao lar*, de Margareth Rago,³ trata do estabelecimento da disciplina na cidade que se urbaniza e da normatização e alterações que o papel da mulher, enquanto esposa, mãe, dona de casa e/ou trabalhadora fabril, sofre no período temporal que compreende o intervalo da Monarquia para a República. O livro *A história das mulheres no Brasil*, organizada por Mary del Priore,⁴ aborda de maneira bastante abrangente as transformações que a condição feminina vai passando, nas várias regiões do Brasil; desde os primórdios do período colonial até o século XX, o que vem a colaborar, fornecendo subsídios necessários à construção da contextualização das mudanças ocorridas no aspecto social e familiar da mulher potiguar, em relação ao âmbito nacional. A obra *Vigiar e Punir*, de Michel

² CARVALHO, José Murilo de. A formação das almas: o imaginário da República do Brasil.

³ RAGO, Margareth. *Do cabaré ao lar: a utopia da cidade disciplinar - Brasil 1890/1930*, p.61-79.

⁴ FALCI, Miridan Knox. *Mulheres do sertão nordestino*. In: MARY, Del Priore (Org.). *História das mulheres no Brasil*, p241-276..

Foucault,⁵ trata do estabelecimento da ordem e da disciplina dentro das instituições de poder, que afetam o sistema educacional, a família e a cidade, sendo denominadas como instituições totais; onde os indivíduos são disciplinados, moldados e vigiados pela sociedade que os criou.

*Assu sai
e to*

A pesquisa se constitui de três partes: na primeira, será tratado o surgimento do processo de urbanização da cidade do Natal, que se dá através das intervenções públicas patrocinadas pelo governo, que objetivavam a princípio, apenas a questão estética e arquitetônica, mas que leva o governo à intervir nos serviços da saúde e limpeza pública em decorrência do surgimento de grandes epidemias que assolaram a cidade e atingiram grande parte da população urbana. Na segunda parte, abordaremos as repercussões na vida cotidiana e nas relações inter-pessoais, que a intensificação do processo de urbanização ocorrido na capital do Estado do Rio Grande do Norte trouxe à sua população; o surgimento do espaço público e a presença feminina nesse espaço repercutiram com a formulação de novos papéis sociais destinados ao sexo feminino. O perfil traçado pela sociedade urbana para as mulheres, os elementos utilizados na diferenciação entre as “mulheres públicas” e as “mulheres honestas,”⁶ assim como as normas de comportamento femininos também serão abordados nessa segunda parte da presente pesquisa. A terceira parte tratará da questão da sistematização e disseminação das normas de comportamento e valores que foram selecionados e atribuídos ao perfil feminino, através da análise do conteúdo de revistas e periódicos que tinham como alvo de suas publicações a mulher. O teor da educação doméstica que fora destinada ao público feminino da cidade do Natal, os conteúdos do programa de ensino da Escola Doméstica, a pedagogia empregada e os símbolos utilizados na formação da mulher que a sociedade recém-urbanizada almejava, são pontos discutidos nessa última parte da pesquisa.

Guerra

*Mercado
ser o
centro
da
sociedade*

⁵ FOUCAULT, Michael. Vigiar e Punir: o nascimento das prisões, p.125-146

⁶ RAGO, Margareth. Os prazeres da noite: prostituição e códigos da sexualidade feminina em São Paulo, 1980/1930.

CAPÍTULO I - A MODERNIZAÇÃO DAS CIDADES BRASILEIRAS.

O final do século XIX caracterizou-se, do ponto de vista urbanístico, pelas intervenções no espaço urbano das cidades. Várias cidades, acompanhando o processo de desenvolvimento do capitalismo industrial, entre elas Paris, Londres, Viena, etc, tornaram-se objeto de intervenções públicas que resultaram em mudanças em seus perfis e configurações físicas. Essas transformações também chegaram a cidade do Natal, capital política e administrativa do Estado do Rio Grande do Norte.

No Brasil, as primeiras intervenções públicas em cidades ^{caracterizou-se} pela busca de adoção do padrão urbanístico/arquitetônico europeu, sendo acompanhadas pela preocupação com a implantação de hábitos e comportamentos cosmopolitas.

Ser moderno é encontrar-se em um espaço que promete aventura, poder, crescimento e transformação das coisas em redor. A modernidade trouxe consigo um ambiente onde todas as coisas e o homem estão constantemente passíveis de se transformar, mas que ao mesmo tempo, *"ameaça destruir tudo o que temos, tudo o que sabemos, tudo o que somos."*⁷ O sentimento de instabilidade que envolve a experiência ambiental da modernidade despeja à todos num turbilhão de permanente desintegração e mudança, passando a vida moderna a ser alimentada por muitas fontes: grandes descobertas nas ciências físicas, com a mudança da nossa imagem do universo e do lugar que ocupamos nele; a industrialização da produção, que transforma conhecimento científico em tecnologia, criando novos ambientes humanos e destruindo os antigos, acelerando o próprio ritmo de vida, gerando nova noção de tempo e velocidade, mudaram a mentalidade da sociedade, transformando esta última num ambiente em que o homem e todas as coisas estão em constante mutação.

Durante o século XIX, o mundo viveu o ápice dessas turbulências. Uma nova racionalidade social e uma ordem urbana sem precedentes manifestaram-se nas contradições que emergiram no espaço das cidades, alargando suas fronteiras, tornando insuficientes os serviços públicos e modificando hábitos culturais e relações sociais. As cidades passaram a viver com grande concentrações populacionais e com a insalubridade, necessitando de reformas, medidas sanitárias, redefinição do traçado urbano e ampliação dos serviços e equipamentos urbanos.

⁷ BERMAN, Marshall. Tudo o que é sólido desmancha no ar: a aventura da modernidade. p. 15

As elites natalenses viajavam constantemente para centros urbanos mais desenvolvidos no Brasil e na Europa, abrindo novas perspectivas para a cultura local e provocando mudanças nos costumes da cidade. A maioria dos homens públicos, intelectuais, políticos e administradores dos governos estadual e municipal, assim como seus filhos, moravam ou haviam morado em Recife, Salvador ou Rio de Janeiro, onde fizeram seus cursos secundários e/ou superiores. Além disso, essa elite também costumava viajar em férias para as grandes cidades brasileiras e européias, trazendo de lá novas informações, experiências e idéias de como as cidades haviam mudado em virtude das reformas de intervenção em seu espaço físico.

Uma das primeiras repercussões dos contatos dessa elite com as inovações européias pode ser percebida nas críticas do Jornal A República, referindo-se aos modelos das residências construídas na cidade do Natal e propondo a escolha de um modelo de residência, com ambientes bem definidos:

"... todas as casas devem ter uma ante-sala. A porta da escada nunca deve dar diretamente na sala de visitas e muito menos na sala de jantar. Os quartos e as salas devem ser regulares, espaçosos e de fácil acesso..."¹¹

As críticas em relação ao modo de disposição dos cômodos das casas na cidade do Natal estavam orientadas pelas idéias higienistas que caracterizavam as intervenções ocorridas nas cidades européias até o final do século XIX. Ruas sem serviço de limpeza, habitações mal iluminadas e insalubres, becos úmidos e fétidos- esse era o quadro urbano do século XIX, tanto nas cidades européias como nas cidades brasileiras. Elas apresentavam condições precárias de saúde e higiene, facilitando os surtos epidêmicos de malária, varíola, tuberculose, que, resultavam em altas taxas de mortalidade entre as populações dos centros urbanos.

O núcleo originário da cidade do Natal foi construído em 1599, no ponto mais alto da região, entre o estuário do rio Potengi e o Oceano Atlântico. Ao longo de quatro séculos foram edificadas três igrejas: a Matriz, com sua torre alta; a igreja do Rosário, dos escravos, e a igreja de Santo Antônio. Em torno delas dispuseram espontânea e desordenadamente algumas ruas de casas simples, de barro e taipa. Assim Natal era uma pequena cidade, de becos e ruas estreitas, sem calçamento ou limpeza, com casas térreas e calçadas irregulares.

¹¹ A REPÚBLICA, p.2, 6 fev. 1906.



A modernidade pode ser compreendida no seu âmbito cultural e estético, ao explicar os impactos causados nas relações entre os homens. A estética da modernidade foi considerada como tudo aquilo que teve capacidade de provocar uma reação e uma transformação na sensibilidade da sociedade.

Nesse sentido, a Revolução industrial fez emergir uma ordem urbana, com um ritmo frenético, formando uma nova identidade, a identidade moderna, voltada para a rua, onde tudo está e/ou onde tudo acontece, onde estão os grandes espaços e as multidões.⁸

1.1- Reformas urbanas na cidade do Natal.

Na passagem do século XIX para o século XX, com as facilidade de comunicação e as informações veiculadas pela imprensa escrita, os moradores de Natal passaram a ter acesso mais rápido às expectativas de transformações que a chegada do novo século vinha provocando: às novas visões de mundo e às propostas urbanísticas para as cidades industrializadas.

Os jornais locais, especialmente *A República*⁹, reproduziam diariamente o que vinha ocorrendo em diversos países no tocante à economia, à conjuntura política e à vida cultural, contribuindo para a difusão de novas estruturas de pensamento em Natal e no Rio Grande do Norte

Ao mesmo tempo, noticiavam os acontecimentos das grandes cidades, os perigos do desenvolvimento e crescimento urbano, a violência nas ruas à noite, o trânsito, assaltos e assassinatos. Essas notícias suscitavam a necessidade de intervenção pública em Natal, para se evitar uma situação semelhante no futuro. Nota-se a preocupação com a segurança da população e a manutenção da ordem no Estado. Na fala do Inspetor da Pública Administrativa e da Segurança Pública:

*"...há porém medidas inadiáveis, além da construção da penitenciária que não temos, a da colonia educacional para menores delinquentes e abandonados, de uma inspeccoria de policia maritima, e o aumento de praças do Batalhão de Segurança(...) É indispensável que as cidades sedes de delegacia regional tenham um destacamento menos reduzido de praças que as guardam..."*¹⁰

⁸ OLIVEIRA, Giovana Paiva de, A elite política e as transformações no espaço urbano: Natal – 1889/1913

⁹ O jornal *A República*, fundado pelos republicanos em 1^o de julho de 1889, sendo vendido posteriormente à oligarquia dos Albuquerque Maranhão, tornou-se órgão do Governo, explicador e defensor das administrações.

¹⁰ MENSAGEM do Inspetor de Segurança Pública do Estado do Rio Grande do Norte, 1921, p.2

Até o final do século XIX, Natal possuía somente dois bairros: a *Cidade Alta*, que adquiria características residenciais, e a *Ribeira*, área comercial onde residiam os comerciantes e os trabalhadores do comércio e da pesca. As ruas de Natal foram traçadas irregularmente constituindo uma trama viária típica de cidade colonial, com ruas sujas e estreitas, casas pequenas e desalinhadas. As calçadas serviam de espaço para atividades de convivência e confraternização de vizinhança.

Diante desse quadro de epidemias, focos de infecção e contágio, a medicina, com suas medidas higiênicas passou a ser solicitada mais insistentemente pela nova e crescente camada urbana da cidade do Natal. Por meio de suas ações, a medicina apossou-se do espaço urbano e imprimiu nele, as marcas do seu poder. Matas, pântanos, rios, alimentos, esgotos, água, ar, cemitérios, escolas, fábricas e casas foram alguns dos inúmeros elementos urbanos atraídos para a órbita médica.¹²

Em meados da década de 1910, o governo federal passou a estabelecer convênios com os governos estaduais interessados em promover o combate às epidemias. Nos primeiros meses de 1916, o governo estadual promoveu uma ampla campanha contra as epidemias que afetavam a capital do Estado desde o início do século XX com a “invasão” dos retirantes advindos do interior, fugidos da seca¹³ que abrangia, além da vacinação em massa contra a varíola, desinfecções de prédios e imposições de que os moradores processarem a limpeza de suas casas ou estabelecimentos comerciais:

“A Inspectoria de Higiene praticou, entre setembro de 1916 a março deste presente anno, 1.198 vacinações e revaccinações(...) Foram, em número de 16 as desinfecções em prédios, nos quaes ocorreram casos de doenças infecto-contagiosas, attingindo a 1426 as visitas sanitárias aos domicílios, e a 105 as intimações a proprietários de casas de aluguel e estabelecimentos comerciais...”¹⁴

No Brasil, a higienização e profilaxia da família progrediu em relação direta com o desenvolvimento urbano. Em Natal, a influência das idéias higienistas podem ser observadas nas Resoluções 54 e 55, editadas pela Intendência Municipal da Capital. Elas manifestavam preocupações com o que caracterizava as grandes cidades, que viviam com a excessiva aglomeração populacional em áreas centrais, a insalubridade e a deterioração de suas condições de vida.

¹² Para melhor compreensão na questão da Higienização e Profilaxia do Espaço Urbano.. Ver: COSTA, Jurandir Freire. Ordem médica e norma familiar. 1983

¹³ Maiores informações sobre a vinda de retirantes à Natal e as epidemias que se alastraram pela capital do Estado no início do Séc. XX., ver: SOUZA, Jardel Alves de. O trabalho dos retirantes nas obras públicas de Natal (1900-1905).

¹⁴ MENSAGEM do Inspector de Higiene e Saúde Pública do Estado do Rio Grande do Norte. 1916 p.3

Na Resolução 54, o Conselho Municipal definiu o novo limite para a cidade, considerando terreno urbano:

*"A área limitada por uma linha que partindo da Fortaleza da Barra, pela margem direita do rio Salgado até o ponto do Refoles, daí se dirige, na direção leste, à ponta da "Areia Preta", passando pelo Lazaretto da Piedade e Lagoa Manoel Felipe"*¹⁵

E na Resolução 55, criou o bairro da *Cidade Nova*, o terceiro da cidade do Natal, que compreenderia, inicialmente, quatro avenidas paralelas, denominadas *Deodoro da Fonseca, Floriano Peixoto, Prudente de Moraes e Campos Sales*, em homenagem a todos os presidentes, que a República tivera, até aquele momento; essas avenidas seriam cortadas por seis ruas com os nomes dos principais rios do Rio Grande do Norte: *Seridó, Trairi, Potengi, Mipibu, Assu e Mossoró*. Essa resolução, além de propor a expansão da cidade como alternativa à tendência de concentração do centro urbano e as suas precárias condições de salubridade, apresentava o modelo de avenidas retilíneas e arborizadas, conceitos urbanísticos em voga no período.

No contexto de modernização espacial de Natal, por iniciativa da municipalidade, a arborização pública entra em evidência no processo de embelezamento da cidade como *"feição representativa de elegância e de higiene pública."*¹⁶ Nessa perspectiva, teria um papel relevante a cumprir como parte integrante desse culto de estética e utilidade, em conformidade com os procedimentos do próprio processo de transformação do espaço urbano, como afirmava a República: *"A estética de uma cidade não se pode eleger somente da boa situação topográfica(...), ela é bem a resultante duma série de condições inapreciáveis entre as quais é justo salientarem-se os estilos vários que possam orientar e arquitetura renovadora, e os jardinamentos, a arborização, em geral."*¹⁷

O plano da Cidade Nova, não parece filiar-se a qualquer vertente teórica. Segundo Pedro de Lima, *"trata-se simplesmente de um plano de expansão urbana com uma malha em xadrez, que deixou a cidade existente intocada na sua forma histórica de crescimento irregular."*¹⁸ A esta cidade foi acrescentado um novo tecido regular, em xadrez, que procurou, onde foi possível, se constituir como um prolongamento das vias existentes. Além das ruas, avenidas e quarteirões que compõem a atual praça Pedro Velho (ou praça Cívica) é o único equipamento urbano que se distingue no espaço indiferenciado na trama

¹⁵ A REPÚBLICA, p.2, 03 jan., 1901.

¹⁶ A REPÚBLICA, p.1., 07 jan., 1925.

¹⁷ A ARBORIZAÇÃO de Natal, A República, p.1., 13 mar., 1928.

¹⁸ LIMA, Pedro de, Natal Século XX: do urbanismo ao planejamento urbano, p.40

em xadrez. O plano da Cidade Nova estabeleceu um padrão espacial para a cidade situada à margem direita do rio Potengi, constituído por um conjunto de eixos viários paralelos e perpendiculares definidos no sentido norte-sul e leste-oeste, respectivamente, e definiu a forma predominante de estruturação da cidade do Natal.

A expansão urbana através do bairro da *Cidade Nova* era extremamente modernizadora e adequada à época em que foi concebida. A proposta de áreas arborizadas com baixa densidade de ocupação, apresentava aspectos que proporcionavam a organização do espaço da cidade, caracterizando-o como promotor da modernização tão buscada pela elite local. A *Cidade Nova* se constituiu em uma dupla solução para o desejo de auto-segregação das classes dominantes locais. Por um lado, superaria o antigo desenho irregular originário da cidade colonial, onde as classes sociais conviviam, praticamente, no mesmo espaço. Por outro lado, serviria como refúgio, onde as classes dominantes poderiam se proteger do contato com as péssimas condições ambientais e das epidemias que se expandiam pela cidade.

No centro da cidade, continuou-se o processo de higienização, observado na periodicidade com que o Inspector de Higiene editava portarias, publicadas na imprensa, referentes ao tratamento da higiene pública e à conduta dos cidadãos. Nelas, todos os moradores da cidade viram-se obrigados a limpar suas casas e os respectivos quintais:

*"... todas as cazas encravadas nas praças, ruas, travessas e becos desta cidade ficarão sujeitas ao imposto de 500 réis mensais para limpeza pública; todos ficarão obrigados a mandarem varrer diariamente as suas cazas e quintaes (...) É expressamente prohibido deixar lixo nas praças, ruas e travessas da cidade..."*¹⁹

Em meados do ano de 1904, a administração de *Alberto Maranhão*, publicou a Resolução 92, que tratava de diversos aspectos da vida urbana da capital do estado, normatizando a prestação dos serviços públicos, ordenando o uso do espaço urbano pelos setores público e privado, definindo os limites do município de Natal, área urbana, impostos, aforamentos, higiene (arborização, limpeza, fontes, fábricas, matadouros, edificações e desapropriações), trânsito, banhos, armas, jogos e loterias, etc.

Entre 1905 e 1908, o governo do estado destinou cada vez mais recursos para as obras de embelezamento da capital do Rio Grande do Norte. Iniciaram-se as obras de reforma de fachadas, substituição das residências desalinhas e insalubres por outras mais saudáveis e modernas. A intervenção estatal na cidade do Natal unia o plano estético ao

¹⁸ LIMA, Pedro de. Natal Século XX: do urbanismo ao planejamento urbano, p. 40

¹⁹ A REPÚBLICA, p.2, 21 maio, 1902.

sanitário, revelando a explícita intenção de erradicar das áreas nobres da cidade os elementos característicos da pobreza e do atraso; política de *aformoseamento*²⁰ da cidade,

inspirada nas intervenções públicas e na política urbanística sanitária de Paris, que reservada aos pobres as áreas mais afastadas do centro urbano, e que serviu de modelo e inspiração às cidades brasileiras.

Reformar a cidade, embelezá-la e destituí-la de suas feições coloniais eram iniciativas que desfrutavam de grande aceitação e repercutiam nos jornais locais da época, encarregados de disseminar o discurso modernizante da elite dominante e justificar tais intervenções:

*"... seria injusto e ingrato deixar de consignar (...) que vários serviços de utilidade e aformoseamento com que ora, se envaidece a nossa modesta Capital, (...). Basta lembrar o bello jardim "Augusto Severo" e consequentes trabalhos de aterro e drenagem; o novo e commodo (...). Não é fácil substituir por avenidas e praças as nossas viellas tortuosas e esburacadas. Mas não desanimemos, a persistência tem operado maiores transformações."*²¹

A cidade do Natal, entendida como insalubre, desde o princípio do século XX, encontrava-se completamente modificada; a cidade de aspecto colonial começava a deixar de existir. O projeto de modificação e modernização da capital do Rio Grande do Norte havia sido iniciado com a preocupação - por parte do governo do Estado - com o impacto emocional que pudesse provocar junto à população. As construções de edifício na cidade, por exemplo, além dos atrativos de beleza e grandiosidade, deviam ser capazes de criar a sensação de que se caminhava para uma era de progresso. Por isso, as solenidades de inauguração tornaram-se uma etapa da estratégia política ao reproduzir e ampliar a sensação causada pelo novo edifício. Encenava-se um espetáculo capaz de atrair e envolver a população na projeção de uma nova sociedade.

Para o governo e a elite que o apoiava, tornara-se prioritário promover a realização de obras capazes de garantir a elevação do padrão de desenvolvimento da cidade do Natal. Havia uma pequena oposição em relação à essas reformas urbanas, porém, esse reduzido grupo opositor, não tinha forças suficientes para mudar os planos de modernização da cidade e da sociedade. Percebe-se que o objetivo comum às intervenções ocorridas era o de construir um cenário para atrair investimentos que possibilitariam sua inclusão no

²⁰ A imprensa local, em várias ocasiões, refere-se ao embelezamento da cidade do Natal como *aformoseamento*

²¹ A REPÚBLICA, p.1, 13 jan. 1905.

mundo capitalista desenvolvido, ou seja, transformar Natal em centro de consumo e fornecimento de mercadorias e capitais.

O impulso para a instalação de algumas inovações na cidade deu-se, inicialmente, através da Companhia Ferro Carril do Natal, uma sociedade anônima formada por comerciantes da capital e que teria por objetivo explorar o serviço de transporte de pessoas e mercadorias na cidade. A inauguração do tráfego dos bondes movidos à tração animal causou grande alvoroço entre os moradores. Todos queriam conhecer a novidade, apesar do percurso de aproximadamente um quilômetro apenas, da rua Dr. Barata, na Ribeira, até a praça Padre João Maria, na Cidade Alta. Na linha inaugural, presença dos principais dirigentes políticos do estado, como relata Câmara Cascudo, notava-se *"muita curiosidade. Gente correndo atrás dos bondes, tomando lugar nos dois carros que percorreram a linha, pela primeira vez por entre alas de povo que aclamava esse grande melhoramento da nossa capital."*²²

No Rio Grande do Norte, a elite ligada à produção açucareira do litoral, cuja liderança política era exercida pela oligarquia da família Albuquerque Maranhão, teve à sua disposição todas as condições para desenvolver a modernização, visto que não enfrentou uma oposição que contestasse ou impedisse as reformas e melhoramentos urbanos. Muitas das reformas realizadas na cidade do Natal estiveram relacionadas com a estrutura produtiva do Estado; as classes dominantes, além de deter o poder político exerciam também o poderio econômico, e os investimentos em melhorias da condição urbana da cidade do Natal, significariam a possibilidade de maior retorno financeiro ao ampliarem as facilidades de realização de seus negócios.

A economia do Rio Grande do Norte, em fins do século XIX e início do século XX, estava voltada para a produção e exportação de matérias primas²³ (sal, açúcar e algodão, principalmente) para os mercados mundiais e, em menor escala, para o mercado interno, que ainda estava se estruturando. O difícil acesso ao porto de Natal sempre foi considerado um entrave à dinamização econômica da cidade. A modernização das instalações e dos equipamentos portuários significava uma adequação às novas condições técnicas do comércio internacional, cujos navios e volumes de mercadorias transportados exigiam instalações compatíveis.

²² CASCUDO, Luís da Câmara. História da cidade do Natal, p.291

²³ Mais informações sobre a economia do Rio Grande do Norte, ver: SOUZA, Itamar de. A República Velha no Rio Grande do Norte. 1989

As obras de reforma das instalações portuárias compreenderam, além da drenagem da entrada da barra do rio Potengi, a ampliação e o alargamento do atracadouro, a modernização dos equipamentos de armazenagem, do cais, o embarque e desembarque de mercadorias e pessoas e um melhor acesso rodo-ferroviário ao porto.

As reformas em Natal seguiam princípios comuns a outros centros urbanos, sistematizando por zoneamento (definição e distribuição das funções administrativas e comerciais) com o embelezamento (agenciamento de ruas e avenidas, arborização, passeios, praças, etc), com a infra-estrutura (sistema viário, iluminação, bondes, melhoramento do porto, etc) e com medidas ambientais e de higiene, como a localização de cemitérios e matadouros, era da aglomeração urbana. A cidade modernizada impunha-se à cidade de passado colonial; nada melhor do que construir uma nova cidade sobre a antiga, eliminando e substituindo os emblemas históricos por outros novos e modernos, embelezando e reformando a arquitetura dos edifícios, adequando-os à imagem de cidade que se queria construir.

A necessidade de dotar a cidade de um local específico para o conagraçamento social fez surgir, por iniciativa de particulares, o *Natal Clube* em julho de 1906. Essa associação recreativa marcou época na cidade, por promover as primeiras festas da elite em ambiente adequado para aqueles interessados em ensaiar os primeiros passos rumo a uma vida social movimentada e glamourosa, como deveria ser uma cidade que se modernizava.

Outra associação recreativa, fundada em agosto de 1917, foi o *Terpsicore Clube*, que se caracterizava por promover festas mais populares sem a exigência do protocolo social. Era freqüentado pela classe média e em seus salões aconteciam concorridos concursos de dança. Nesse período, entre 1911 a 1913, surgiram as primeiras salas de exibição na cidade. O primeiro cinema construído foi o *Politheama*, com endereço na praça Augusto Severo, na Ribeira, inaugurado em 1911. Em outubro de 1913, era aberto o primeiro cinema na Cidade Alta, o *Royal* cinema, constando de salas de jogos e de uma espaçosa sala de espera junto à sala de exibição onde se poderia tomar sorvetes e refresco.²⁴

Na segunda década do século XX, a cidade do Natal compunha um cenário moderno: um número crescente de pessoas transitava em bondes elétricos, vestiam-se com o que existia de mais atual na moda inglesa e/ou francesa, freqüentavam o teatro e o cinema e iam à praia de bonde. A cidade havia mudado de aspecto, tornara-se elegante e moderna.

²⁴ CASCUDO, Luís da Câmara. História da cidade do Natal. 1999

possuía serviços públicos de cidade grande, transformara-se em cenário de exposição do poder de sua elite.

As reformas não trouxeram a solução para os problemas causados pelo processo de crescimento da cidade, mas intensificaram esses problemas; essas reformas demonstraram uma preocupação com o embelezamento visível na transformação das fachadas e na composição de ambientes que contribuíram para a construção de uma imagem da elite local conforme os padrões *Belle Époque* europeia. O fascínio que o ideal de modernidade exercia sobre a própria elite explicaria, em boa medida, a intensidade com que buscavam construir uma imagem de modernidade, tanto da cidade, como de si mesmos.

A intenção de aformosear a cidade, com obras e equipamentos urbanos que existiam nas grandes cidades, construir uma cidade moderna, civilizada e progressista, também se evidenciava na adoção de novos valores culturais, uma vez que o consumo desses valores tornava mais real a busca da modernidade.

As reformas do espaço da cidade do Natal, não se deram a partir de uma demanda socio-econômica da população, mas com a finalidade de promover as mudanças desejadas pela elite local. Essa elite exerceu um importante papel na condução da modernização. Sua atuação foi regulada de acordo com seus próprios interesses, que determinaram constantemente o avanço ou o atraso das intervenções realizadas e pela imagem de cidade moderna que a tinha seduzido. À elite que a concebeu, pouco importava que essa imagem de uma cidade moderna e civilizada não correspondesse à sociedade real que nela viveria. A solução imposta não reestruturava a sociedade, muito menos resolvia o problema da pobreza, mas erradicava a visão dessa pobreza das áreas centrais e reformadas.²⁵

1.2- Intervenções urbanas em outras capitais brasileiras.

Após o advento republicano, referenciado no exemplo “civilizador” da Paris. No âmbito nacional, o Rio de Janeiro, capital brasileira até 1960, foi a primeira cidade brasileira a sofrer um amplo projeto de reformas. Até o centro do Rio tinha ruas estreitas e mal iluminadas, atravancadas pelo tráfego caótico, predominando o transporte de tração animal e o movimento de vendedores ambulantes de todo o tipo de mercadoria.

²⁵ SOARES, Jamilson Azevedo. Fragmentos do Passado: uma releitura do urbano em Natal na década de 20. 1999

A cidade do Rio de Janeiro abre o século XX defrontando-se com perspectivas extremamente promissoras. Aproveitando o de seu papel privilegiado na intermediação dos recursos da economia cafeeira e de sua condição de centro político do país, a sociedade carioca viu acumular-se no seu interior vastos recursos enraizados principalmente no comércio e nas finanças, mas derivando também para as aplicações industriais.²⁶

A evolução da forma urbana carioca no decorrer do período entre 1906-1930 reflete, em grande parte, as contradições existentes no sistema político-econômico do país àquela época. *“De um lado, os Governos da união e do Distrito Federal, representando as classes dominantes, atuam preferencialmente na esfera do consumo, incentivando a continuidade do processo de renovação urbana da área central e de embelezamento da zona sul.”*²⁷ Acompanhar o progresso significava, acima de tudo uma coisa: alinhar-se com os padrões e o ritmo de vida das cidades modernas européias. Construir a imagem do progresso se transforma na obsessão coletiva da nova burguesia carioca. *“A aparência passa a fazer parte da construção dessa imagem de elemento moderno,”*²⁸ por isso, uma verdadeira febre de consumo tomou conta da capital do país, toda ela voltada para a “novidade” e a “última moda” dos centros europeus, principalmente as tendências de moda parisienses.

As condições sanitárias eram péssimas e as epidemias dizimavam a população. A rede de esgotos, implantada durante o Império, além de não se estender a todos os bairros, mostrara-se defeituosa, infestando o subsolo da cidade e o interior das casas. Os subúrbios mantiveram-se por muito tempo com o sistema de valas, onde predominava o mau cheiro e a insalubridade.²⁹

As vastas reformas urbanas empreendidas a partir de 1903, no Rio de Janeiro, pelas ações combinadas dos governos federal e municipal objetivavam a liberdade de ocupação dos espaços públicos e privados das áreas mais centrais da capital. Tinham esperança de garantir e transformar o aspecto social da cidade, e obter um cenário decente e atraente aos fluxos do capitalismo. Agindo tanto no controle dos espaços privados como no logradouros públicos, as reformas urbanas cariocas expulsariam grande parte da pobreza e da miséria e das atividades tradicionais visíveis nas ruas e nas casas modestas da cidade.

²⁶ Para mais informações sobre a estrutura econômica do Rio de Janeiro republicano, ver: HOLANDA, Sérgio Buarque de (org). História geral das civilizações brasileiras, v.1, 1984

²⁷ Ibid. p 86

²⁸ SEVCENKO, Nicolau. Literatura como Missão: tensões sociais e criação cultural na Primeira República p 37

A prioridade no embelezamento das ruas centrais e dos bairros ao sul principiava a mostrar a real dimensão da capacidade do poder público em readequar os padrões habitacionais, e a própria ambição de sanear e zonear socialmente a nova capital nacional redesenhada.³⁰

Nas grandes capitais nordestinas, Salvador e Recife, terceira e quarta cidades mais populosas do país nos primeiros anos do século XX,³¹ as pressões demográficas ocasionadas pelas migrações do Agreste e do Sertão, assolados pelas secas, tendiam a multiplicar as vizinhanças heterogêneas: habitando próximos às classes médias e os retirantes que chegavam à cidade fugidos da seca. As elites dirigentes que se alternavam no poder procuraram, ao longo das primeiras décadas do século, aparelhar as cidades segundo os modelos europeus e cariocas.

Para manter a projeção nacional que Bahia e Pernambuco atingiam havia décadas, era imprescindível que as respectivas capitais se livrassem das precárias condições higiênicas a que estavam submetidas, já que tais condições dificultavam as possibilidades de incremento nas atividades industriais.

As primeiras reformas em Salvador ocorreram em 1906 e 1910, priorizando a Cidade Baixa. As intervenções concentraram-se sobretudo na ampliação do cais e na abertura da avenida Jequitaia.³² Houve também várias demolições, visando o combate das epidemias que se espalhavam pela cidade a partir da área portuária, pontuada de habitações populares.

Entre 1912 e 1916 a migração das elites soteropolitanos para os bairros do distrito da Vitória foi consagrado por um amplo programa de alargamento viário que assegurava o rápido deslocamento dos bairros residenciais dessas elites para o centro, enquanto, à população de baixa renda restavam alguns vales próximos aos bairros litorâneos.

A cidade do Recife crescia ao longo da malha aquática em que se assentava; os alagados e as planícies extensas. A capital pernambucana se expandia por meio de uma multidão de casebres, ruas estreitas e condições sanitárias precárias. O plano de saneamento de 1909 associou-se ao programa de demolições do bairro do Recife, o mais antigo da capital, e largas e arborizadas avenidas foram surgindo à custa de demolições e

²⁹ ARAÚJO, Rosa Maria Barboza. *A vocação do prazer: a cidade e a família no Rio de Janeiro Republicano*, p.288

³⁰ MARINS, Paulo César Garez. *Habitação e vizinhança: limites da privacidade no surgimento das metrópoles brasileiras*. In: PRIORE, Mary Del (Org), *História da Vida Privada no Brasil*, v.3.

³¹ Com 205813 e 113106 habitantes, respectivamente. ANUÁRIO Estatístico do Brasil, p 2-14

³² MARINS, Paulo César Garez. *Habitação e vizinhança: limites da privacidade no surgimento das metrópoles brasileiras*. In: PRIORE, Mary Del (Org), *História da Vida Privada no Brasil*, V.3

do enquadramento de estabelecimento comerciais e habitações enquadrados nos conceitos de insalubridade vigentes em todo o país.³³

As primeiras intervenções de aformoseamento de espaços públicos na cidade de São Paulo já vinham acontecendo desde a década de 1870, quando a capital paulista passou a centralizar definitivamente a economia da província. As condições precárias das habitações populares generalizavam-se tanto nas antigas construções de taipa e tijolos da área central, quanto nas casinhas que despontavam nos bairros e arrabaldes localizados ao longo das linhas férreas da Central do Brasil. As campanhas de higienização da cidade e a construção dos novos bairros residenciais elegantes, adequados aos preceitos sanitários e comportamentais gerados no cotidiano das cidades européias, conseguiram forjar em São Paulo uma mancha contínua de vizinhanças homogêneas, excluindo a proximidade dos menos favorecidos, desestimulando seu trânsito público nas ruas dos bairros de elite.

O gosto pela ornamentação vem a ser então o critério básico da vida moderna; em obediência a tal princípio, o que se pode notar em todos os casos de modernização do espaço ocorridos em cidades brasileiras, e que se repete proporcionalmente em Natal, é a preocupação com a ostentação de elementos que não se restringiam ao espaço público urbano, mas que se revelavam também numa nova sociabilidade orientada por uma obsessão por tudo que acreditava ser símbolo de moderno, seja na maneira de se vestir, se comportar diante dos outros ou na maneira de falar. Esse cosmopolitismo, que pautou o irrestrito consumo de hábitos e comportamentos sociais por parte da elite nacional, também assegurou a essas mesmas elites o sentimento de pertencer ao estágio civilizatório que se tentava construir.

Durante o período de intervenções públicas, a cidade do Natal revestiu-se dos elementos emblemáticos da modernidade européia, traduzida pelas inovações técnicas advindas da Revolução Industrial, como ruas amplas e arborizadas, prédios suntuosos, energia elétrica e sistema de transportes. Ao mesmo tempo, os modo de vida, comportamentos e hábitos da população local, principalmente da elite, adquiriram um verniz civilizatório.

A modificação da malha urbana e as novas possibilidades criadas - teatros, cinemas, parques, praças e banhos de mar - no âmbito de convívio social, acarretam em mudanças nas relações sociais entre os indivíduos e entre o indivíduo e o mundo que se encontra em construção. Nesse contexto surgem novas formas de comportamentos sociais que

³³ Para obter mais informações sobre o crescimento das camadas urbanas da cidade do Recife ver: ARRAYS, Raimundo. Recife, culturas e confrontos.

determinam normas e perfis para os novos agentes sociais, em especial à família e a mulher



CAPÍTULO II- MULHERES NO ESPAÇO PÚBLICO E PRIVADO.

Durante o século XX, a sociedade brasileira sofreu uma série de transformações: a consolidação do capitalismo com a entrada das fábricas e novos modos de produção; o incremento de uma vida urbana que oferecia novas alternativas de convivência social, causado pelas aglomerações populacionais e pelas conseqüentes reformas e melhoramentos urbanos que as cidades sofreram, facilitando as comunicações entre as regiões e a construção de espaços de convívio públicos (praças, parques, cinemas, restaurantes), a ascensão da burguesia e o surgimento de uma nova mentalidade, com base nas aspirações da construção de uma cidade moderna: reorganiza as vivências familiares e domésticas, do tempo e das atividades femininas.

Nesse período nasce uma nova mulher nas relações da chamada família burguesa, marcada pela valorização da intimidade e da maternidade. Um sólido ambiente familiar, o lar acolhedor, filhos educados e esposa dedicada ao marido.³⁴

Esse período marcou a passagem das relações sociais senhoriais às relações sociais urbanas. A cidade moderna teria sistematicamente de lutar contra o comportamento, atitudes e expressões tradicionais que eram considerados inadequados para a nova situação. Com a aquisição de seu novo status de lugar público, a rua passou a ser vista em oposição ao espaço privado: a casa. A cidade tinha se transformado num lugar de interesse público, em que todas as formas de uso foram ajustadas à nova ordem.³⁵

Em Natal, as intervenções públicas ocorridas no espaço urbano, (alargamento e alinhamento de ruas, construções de prédios públicos, intervenções sanitárias, melhoramentos nos serviços básicos oferecidos de limpeza e saúde pública, transporte urbano e iluminação), nas primeiras décadas do século XX, tinham como objetivo compor um novo cenário para ser exibido ao mundo moderno. As reformas urbanas obedeceram, assim, aos princípios que fundamentavam as ações do Estado, àquela época. O ordenamento da cidade e da população, que entre 1900 e 1920 evoluiu de 16.056 habitantes para 30.696 habitantes,³⁶ a eliminação dos focos que a tornavam insalubre e a construção de um cenário adequado aos padrões modernos.

Enfim, embelezava-se e “aformoseava-se” a cidade do Natal, com obras e equipamentos urbanos que existiam nas grandes cidades. A construção de uma imagem de

³⁴ PRADO, Danda. Ser esposa: a mais antiga profissão. 1980

³⁵ FREIRE, Gilberto. Sobrados e mucambos: decadência do patriarcado rural e desenvolvimento urbano. 1961

uma cidade moderna, civilizada e progressista evidenciava-se, também, na adoção de novos valores culturais, pois era o consumo desses valores que tornava real a fantasia da modernidade.

A capital potiguar, no período entre 1915-1930, viveu de certa maneira sua *Belle Époque*, considerando-se o esplendor de que se revestiu as inovações implantadas no espaço da cidade, como: bondes elétricos, iluminação pública, abastecimento de água, hospitais, praças, teatros, cinemas, comércio³⁷ e, a julgar pelas inúmeras realizações que transformaram sua paisagem urbana e repercutiram na vida dos moradores que puderam usufruir das possibilidades criadas.

A cidade do Natal transformou-se: oferecendo novos serviços, possuindo uma crescente massa populacional e absorvendo projeções ditas modernizantes, conseqüentemente, mudam a rotina e o ritmo de vida de seus habitantes.

A família, em meio a esse intenso processo de urbanização, foi estimulada a absorver e desenvolver práticas sociais que se adaptassem ao novo cenário urbano. Os traços de modernização da família defrontavam-se com o caráter tradicional do patriarcalismo impresso na cultura brasileira, abrindo espaço para a convivência simultânea de formas novas e antigas de comportamento social.

O advento da urbanização da cidade do Natal, e a comunicação com outras regiões do país, trazem à tona notícias de violência e assaltos na área urbana, despertando preocupação por parte da família natalense, em resguardar e proteger seus membros. Na fala do inspetor de segurança pública fica explícita a preocupação em tornar os serviços de policiamento mais eficazes, através da melhoria das condições de trabalho da polícia local::

*"...a Segurança pública, não podia deixar de ser, a maior do orçamento do Estado(...)além da construção da penitenciária que não temos, a do laboratório de polícia técnica, utilíssimo para a pesquisa racional dos crimes, a do aparelhamento do gabinete medico-legal(...)aumento do numero de peças do Batalhão de Segurança ao qual, como sabeis, incumbe precipuamente a manutenção d ordem em toda a capital do Estado"*³⁸

A representação do novo e sua acomodação no contexto local, em penosa coexistência com o velho, podia ser detectada também na forma como o seletivo *Natal Clube* procurava conciliar as danças modernas com as danças antigas em seus eventos

³⁶ LIMA, Pedro de. Natal século XX: de urbanismo ao planejamento urbano, p.47

³⁷ CASCUDO, Luis da Câmara. História da cidade do Natal, 1999

³⁸ MENSAGEM do Inspector de Segurança Pública do Estado do Rio Grande do Norte, 1921

sociais, em uma espécie de adaptação até certo ponto forçada que bem retratava o comportamento da elite local em sua tentativa de absorver os modismos dos grandes centros.

A cidade do Natal passou a ter uma vida noturna movimentada: festas no *Natal Clube*, espetáculos circences, apresentações teatrais e as sessões dos cinemas, que estabeleciam as sessões da tarde, as chamadas *matinées*, destinadas às crianças; nas sessões noturnas, chamadas *soirées*, o público era outro, mais elegante e educado.

Nesse processo de modernização da cidade, Natal mudou sua feição urbanística e sua sociedade também foi atingida: adquirindo outros hábitos, outras formas de se vestir, de se comportar e de perceber o que estava a sua volta. O espaço público passava a fazer parte do cotidiano das pessoas, intensificando-se o costume de se ir à festas, passeios à praças e parques, banhos de mar, etc.

É nesse momento em que novas exigências da crescente urbanização e do desenvolvimento comercial e industrial que ocorrem em Natal e nos principais centros do país, que solicitavam a presença feminina no espaço público das ruas, das praças, dos acontecimentos da vida social, ganham força, um novo modelo normativo de mulher, elaborado desde meados do século XIX, que pregava novas formas de comportamento e etiqueta exaltando as virtudes da esposa-mãe-dona-de-casa, afetiva porém, assexuada. A mulher passa a ser vista como o centro do lar: é ela a responsável pela manutenção da harmonia e ordem familiares: os afazeres domésticas como o cuidado com a casa, com as roupas e com o preparo das refeições deveriam ser realizadas com muita dedicação. A saúde e bem estar dos filhos e do marido eram tarefas cotidianas, das quais, esperava-se que a mulher iria realiza-las com muito afinho e afeto.

À medida que a cidade se expande e se urbaniza, multiplicam-se os espaços públicos de sociabilidade; restaurantes, hotéis, cafés, teatros, passeios públicos e mudam as normas de comportamento e as relações entre os sexos. A rua simbolizava o espaço do desvio, das tentações, devendo as mães pobres, segundo os médicos e juristas, exercer vigilância constante sobre suas filhas. a honra da mulher era associada à sua virgindade, e aquela que perdia a honra manchava o nome da família.³⁹ naqueles novos tempos a preocupação com a moralidade era visto como a indicação de progresso e civilização. Essa exigência afigurava-se impossível de ser cumprida pelas mulheres pobres que precisavam trabalhar e que para isso deviam sair às ruas à procura de possibilidades de sobrevivência. Aliás “*toda*

³⁹ CAULFIELD, Sucam. Em defesa da honra - moralidade, modernidade e nação no Rio de Janeiro. 2000

a sua maneira de sobreviver implicava a liberdade de circulação pela cidade, pois dependiam de um circuito ativo de informações, bate-papos e contratos verbais."⁴⁰

As mulheres ganham maior visibilidade no espaço urbano de Natal, fazendo compras, ou trabalhando, vendendo doces e quitutes, em se tratando das mais pobres, ou ainda, nas classes privilegiadas, participando de associações femininas e de sociedades beneficentes. A presença feminina nessas entidades beneficentes era incentivada e valorizada pela sociedade, sendo reconhecida e noticiada na imprensa local, como pode-se constatar na fala do Dr. Moysés Soares, membro do Conselho administrativo do Instituto de Proteção à Infância, em ocasião da festa comemorativa do 2º aniversário de sua fundação; assim se referiu ele a mulher:

*"Que ella continue a ser nesta terra um expoente das nossas melhores energias, amparada sempre pela assistência carinhosa da mulher, que melhor comprehende essas obras do coração, obras de sentimentos, qual delles mais nobre, sentimento de amor aos semelhantes, sentimento de amor à Pátria"*⁴¹

Era ambígua a maneira pela qual o espaço público masculino acolhia a entrada da mulher: ao lado do pai ou marido produtor, ela podia participar deste universo enquanto consumidora, ornamento, acompanhante ou auxiliar, ou seja, sempre numa posição secundária à dele e subordinada à sua função principal: ser esposa e mãe.

O homem no espaço público foi sempre percebido positivamente, através da imagem do trabalhador e provedor. A mulher, fora do lar sobretudo, se desacompanhada, precisou prestar muita atenção aos seus gestos, aparência, roupas, para não ser confundida com a figura dissoluta, a "mulher pública", como escrevia uma revista de 1915: *"Mulher distinta jamais sai de casa sozinha, seja para as compras, seja para o cinema: a companhia do marido, irmão ou de um filho é indispensável..."*⁴²

A invasão do cenário urbano pelas mulheres, no entanto, não traduz um abrandamento das exigências morais. Ao contrário, quanto mais ela se faz presente nos espaços públicos, mais a sociedade burguesa lança sobre seus ombros o sentimento de culpa diante do abandono do lar, dos filhos, do marido exausto pelas longas horas de trabalho. Todo um discurso moralista acena para ela, de várias direções, com o perigo da prostituição e da perdição diante do menor deslize. Por mais que ela fosse, mulher honesta,

⁴⁰ SOHJET, Rachel. Mulheres pobres no Brasil urbano In: PRIORE, Mary Del (Org) História da mulheres no Brasil, p.363

⁴¹ VIDA social. A República, p 2 - 13, set. 1919

⁴² Rainha do lar, súdita do homem, ÍRIS, n.18, 1915

sua liberdade estaria sempre limitada no plano simbólico pela ameaça da meretriz. Nas entrelinhas dos discursos que advertiam as senhoras contra usos exagerados dos perfumes, das jóias e das roupas pairava a ameaça latente da identificação com a cortesã.⁴³

A mulher, definida através de um discurso estruturado, ganha um novo estatuto na sociedade civilizada; sua especificidade é reconhecida, decifrada, elaborada: ela é o “sexo frágil,” o pudor e a honestidade são suas características mais fortes, sendo feita para o lar e a maternidade: “*As mulheres têm uma casa que governar, marido que fazer feliz e filhos que educar na virtude.*”⁴⁴ Cada vez mais era reforçada a idéia de que ser mulher é ser quase integralmente mãe dedicada e atenciosa, um ideal que só pode ser plenamente atingido dentro da esfera familiar. Os cuidados e a supervisão da mãe passam a ser muito valorizadas. Ganha força a idéia de que é muito importante que as próprias mães cuidem da educação de seus filhos.

A nova ordem tinham o respaldo da ciência, forma do conhecimento que atribuía ao sexo feminino a natural tendência à maternidade, a docilidade e submissão. A medicina social distinguia as características femininas, apoiadas nos fundamentos biológicos: a fragilidade, o recato, o predomínio das faculdades afetivas sobre as intelectuais, a subordinação da sexualidade e à vocação maternal. Em oposição, o homem conjugava à sua força física uma natureza autoritária, empreendedora, racional e uma sexualidade sem freios.

Nas casas, domínios privados e públicos, estavam presentes: nos públicos, como as salas de jantar e os salões abriam-se para parte de um círculo de familiares, parentes e amigos, onde impunham-se regras para bem-receber e bem-representar diante das visitas. Num certo sentido, os homens eram dependentes da imagem que suas mulheres pudessem traduzir para o restante das pessoas de seu grupo de convívio. Em outras palavras, a mulher significava um capital simbólico importante, embora a autoridade familiar se mantivesse em mãos masculinas, do pai ou do marido, como afirma DINCAO: “*Esposas, filha, irmãs cuidavam da imagem do homem perante a sociedade*”⁴⁵ É a partir dessa “dependência social” que a mulher se vê vigiada pelo homem, a quem cabe “*Corrigir-lhe os hábitos indiscretos, o falar demasiado, os decotes nas blusas, a altura dos vestidos, a gesticulação*

⁴³ RAGO, Margareth. Os prazeres da noite: prostituição e códigos da sexualidade feminina.

⁴⁴ MARÇILIO, Maria Luiza. Família, mulher, sexualidade e igreja na história do Brasil, p.235

⁴⁵ DINCAO, Maria Ângela. Mulher e Família Burguesa. In: PRKORE, Mary Del (Org). História das Mulheres no Brasil, p.228

e até os risos em público.”⁴⁶ Ou seja, em troca do sustento garantido, pelo homem, a mulher casada deveria se distinguir socialmente, respeitando os ditames da moral e dos bons costumes, evitando assim, incorrer em injúria grave, definida como o procedimento, conforme setencia uma revista de 1915: “*consiste em ofensa à honra, respeitabilidade ou dignidade do cônjuge.*”⁴⁶

2.1 – A mulher na esfera familiar.

Baseado na crença de uma natureza feminina, que dotaria a mulher biologicamente para desempenhar as funções da esfera da vida privada, no discurso da época, o lugar da mulher era o lar, e sua função consistia em casar, gerar filhos saudáveis para a pátria e plasmar o caráter dos cidadãos do futuro. Dentro dessa ótica, não existiria realização possível para as mulheres fora do lar, nem para os homens dentro de casa, já que eles pertenciam a rua e ao mundo do trabalho. A Revista *Feminina*, que fora publicada em agosto de 1920, com o lema “*Rumo à Cozinha.*” aborda a preocupação masculina com a mulher que deserta do lar, “*...preocupada com mil frivolidades mundanas: passeios, chás, compras e visitas.*”⁴⁸

A imagem da mãe-esposa-dona de casa como a principal e mais importante função da mulher correspondia àquilo que era pregado pela Igreja, ensinado por médicos, legitimado pelo estado, e divulgado pela imprensa local, muitos periódicos do período abordavam e reforçavam essa imagem de mãe dedicada, esposa disciplinada e dona de casa prendada. Imagem da mulher que o jornal *A República* de 1928: reforça: “*...pois a missão da mulher é uma só: ‘fazer os grandes homens’, como esposa ou como mãe...*”⁴⁹

Nesse contexto, a mulher foi elevada à condição de “rainha do lar”, sendo reforçada no imaginário urbano a importância do amor familiar e do cuidado com o marido e com os filhos, o que redefine o papel feminino e ao mesmo tempo reserva para a mulher novas e absorventes atividades no interior do espaço doméstico, sendo formuladas as funções de educadora dos filhos e guardiã do lar e da família, considerada a base moral da sociedade recém-urbanizada.

⁴⁶ VAIFAS, Ronaldo. Trópicos dos pecados: moral, sexualidade e Inquisição no Brasil, p.126

⁴⁷ *Feminina*, n.36, p.12, 1915

⁴⁸ Sobre a imprensa destinada ao público feminino ver: MALUF, Marina; MOTT, Lúcia Maria. Recônditos do mundo feminino. In: PRIORE, Mary Del (Org). História da vida privada no Brasil, v.3,p.406-415

⁴⁹ *A REPÚBLICA*, 10 set. 1928.

O abandono do lar era o argumento mais convincente para a opinião pública, ociosa da manutenção da ordem estabelecida, contra a circulação da mulher e o trabalho feminino fora dos limites domésticos. Emancipar-se “era a despoetização da mulher, era a sua derrota: a rainha passava a rival.”⁵⁰ A mulher deveria permanecer o maior tempo possível em casa, só nos casos extremos, como o marido não conseguir sustentar sozinho a casa ou na falta dele, a esposa ou viúva poderia trabalhar. O espaço doméstico foi diferenciado da esfera pública do trabalho e santificado como “oásis”, lugar de calor e da intimidade, da confraternização de seus membros, de uma solidariedade representada como orgânica e natural. A família tornou-se a célula básica da sociedade.

A valorização da esfera familiar e a construção de um modelo de mulher simbolizado pela mãe devotada e presente na vida doméstica resultou em sua completa desvalorização profissional, política e intelectual. Essa desvalorização parte do pressuposto de que a mulher em si não é nada, tendo a obrigação de esquecer-se de si mesma em função dos filhos e do marido.

No manual de economia doméstica *O lar feliz*, destinado às jovens mães e “a todos quantos amam seu lar,” publicado no Rio de Janeiro em 1916, o autor divulga para um público amplo o papel a ser desempenhado por homens e mulheres na sociedade, e sintetiza, utilizando a idéia do “lar feliz,” a estilização do espaço ideologicamente estabelecido como privado: “...entretanto à mulher incumbe sempre fazer do lar – modestíssimo que seja ele – um templo em que se cultive a felicidade; à mulher compete encaminhar para casa o raio de luz que dissipa o tédio...”⁵¹

A esposa virtuosa foi aclamada e cercada por comandos morais; prescreveu-se para ela complacência e bondade, para prever e satisfazer os desejos do marido sequer expressos; dedicação, para compartilhar abnegadamente com o cônjuge os deveres que o casamento encerra e o zelo no cuidado da saúde e higiene dos filhos. A esposa-mãe se encontrava cercada e vigiada pelas novas medidas de higiene preconizada pelos médicos e pela crescente exigência do cuidado materno com os filhos,⁵² tanto físico e moral quanto educacional. Em seu artigo “Educação Materna,” publicado em 1915, a Dra. Emma Drake ensinava: “...muitas mães porém não compreendem que elas concretizam a idéia abstrata do lar e supõem a sua tarefa terminada quando os seus filhos estão nutridos, vestidos e

⁵⁰ RAGO, Margareth. Do cabaré ao lar: a utopia da cidade disciplinar, p.89

⁵¹ O Lar Feliz, n.28, p.7, 1916.

⁵² Para maiores informações sobre a política de higienização da família urbana brasileira e sobre a valorização da infância ver: DONZELOT, Jacques. A polícia das famílias, 1980

*preservados contra uns tantos perigos. A sua principal missão porém é preparar os seus filhos que serão os homens e mulheres de amanhã...*⁵³

O perfil traçado para a “mulher honesta” contava com indefiníveis qualidades, tais como simplicidade, justiça, modéstia e dignidade. Seu antípoda ameaçador era a moça dos tempos modernos: cheia de liberdades, circulando pelas ruas, de saia curta e colante, com decotes ousados, pintada e perfumada. O discurso higienista procurava assegurar os limites entre as vaidade das mulheres “honradas” e a libertinagem de mulheres públicas de “conduta duvidosa”, aquelas que desfilavam pelos teatros e bailes da cidade, expondo-se de maneira extravagante ao vestir; o cuidado com a aparência deveria, segundo o discurso higienista, estar diretamente ligado ao cuidado com a saúde.

A sociedade brasileira utilizou múltiplos dispositivos e símbolos para ensinar as mulheres sua missão, desenhar-lhes um perfil e confiar-lhes uma tarefa. Os meios de comunicação contribuirão com a instrução e informação da mulher brasileira; através de artigos e periódicos destinados ao público feminino, que traziam instruções e orientações sobre como proceder para tornar-se uma mulher respeitável, excelente mãe e esposa ideal, a saúde e a vaidade femininas também eram temas dessas publicações: a saúde da mulher estava diretamente ligada a sua função de reprodutora, como sugerem os inúmeros anúncios de jornais locais de remédios e reguladores destinados a problemas uterinos, publicados nos jornais locais.⁵⁴ A preocupação com a aparência fora um aspecto bastante presente nos artigos de jornais, em anúncios de cosméticos e/ou vestuários, e nas publicações destinadas à mulher,⁵⁵ que atraídas por atividades diárias na rua, sejam de trabalho ou de lazer, estimulou-a a maiores cuidados pessoais com a aparência, além do desgaste da roupa.

Com a intensificação de oportunidades urbanas, a mulher das camadas mais abastadas da cidade, precisavam de um vestuário diversificado, de acordo com os ambientes que freqüenta. Para a mulher de recursos, a moda assume um papel de destaque: por um lado, a aparência ajuda a conseguir um “bom casamento,” solução de vida desejada pela maioria. O embelezamento torna-se o objetivo fundamental da mulher que quer agradar e que preocupa-se com o uso de mais um atributo para ser admirada, procurando melhorar sua aparência e ressaltar a sua sexualidade.

⁵³ *Feminina*, n. 36, p. 12, 1915.

⁵⁴ Anúncios voltados à saúde da mulher, ver: *A REPÚBLICA* de 1919, num. 140 / 212 / 219 / 223.

⁵⁵ É importante ressaltar que a imprensa abordava a questão da aparência feminina como aspecto ligado a saúde da mulher-mãe, estimulando a aparência saudável: assepsia das roupas, corpos e cabelos.

A mulher na cidade moderna, tornara-se extremamente consumista, obcecada com a própria aparência, com as novas modas e perfumes, com as maquiagens importadas e novos cores de cabelo.

Ressalta-se a importância que assumiram as imagens sociais masculinas e femininas representadas pelo vestuário e pelos símbolos tradicionais quer de virilidade, como a barba e o bigode, quer de feminilidade, como a saia e as bijuterias, mobilizam as populações da cidade urbanizada. Cobrava-se uma aparência mais cuidadosa da mulher do que do homem, da mesma forma que se exigia, da mulher, uma absoluta retidão em sua conduta no espaço público.

2.2- Mulheres nas ruas.

Na cidade do Natal, somente a partir dos anos de 1920 é que, de fato, a moda passa a ser um aspecto a ser considerado pelas mulheres da elite social; no começo da década, as coisas começaram a mudar em termos comportamentais, e a moda, que para alguns seria um indicativo de avanço das mulheres em busca de sua emancipação, teria também o seu reverso, passando a ser um elemento usado por outros como pretexto para caracterizar de forma preconceituosa a imagem da mulher, assim retratada na imprensa da época:

*“Hoje, a mulher querendo andar na moda
Toma uns ares de tôla ou de pedante
Torna-se, às vezes, quasi extravagante...”⁵⁶*

Incomodada com as primeiras mudanças que já se evidenciavam no vestuário feminino, a igreja católica local passa a promover um movimento em favor da moral e dos bons costumes na cidade, chamando a atenção das famílias para que exercessem rigorosa observação das vestimentas de suas filhas.

Disposta a abrir trincheiras na luta para a preservação de determinados valores em consonância com os princípios por ela cultivados ao longo do tempo, a Igreja passaria a utilizar todos os meios ao seu alcance para impedir a emergência de novos procedimentos no comportamento feminino que viessem a significar rupturas com os padrões vigentes. Nesse perspectiva, a *Aliança Feminina*, uma entidade orientada pela Diocese de Natal, lançou uma campanha, intitulada “*A Cruzada da Pureza e da Dignidade*,” contra as

⁵⁶ A REPÚBLICA, 12 ago., p 2, 1921



mudanças na moda feminina, divulgando o seguinte apelo através da imprensa local, em 1921:

“Alerta, senhoras catholicas do Rio Grande do Norte!... a ‘Aliança Feminina’, convencida de que sem Deus e sem moral não há sociedade nem familia e tendo em vista a elevada missão da mulher dentro do grande círculo de educadora dos povos, (...) se opporem activa e nobremente á onda avassaladora d moda silenciosa que corrompendo os costumes, pretende degradar as nações começando por destruir o respeito e admiração de que as mulheres dignas se fazem merecedoras.”⁵⁷

Por volta da metade da década, a sedução da moda parecia efetivamente ter se incorporado aos hábitos das natalenses, como podemos deduzir a partir da observação de um cronista da cidade, que escrevia: *“a inquietação pela moda é cada vez mais intensa e mais frívola (...). A moda é o maior triumpho feminino”⁵⁸*

O seguinte tema está presente no romance “Gizinha” escrito em 1928, pelo ex-governador e intelectual Antônio José de Melo e Souza, sob o pseudônimo de Policarpo Feitosa. Os acontecimentos da história se desenvolveram na cidade do Natal, em torno de uma família de classe média local, cujo pai vive a reclamar da roupa usada pela filha Adalgiza, a “Gizinha”, uma típica melindrosa da época, seguidora incondicional da última moda, na indumentária, nas danças e nos hábitos. Um dos pontos fortes da narrativa é a reconstrução da forma como o novo interfere nas relações pessoais e familiares, trazendo à superfície a hipocrisia e a resignação dos mais velhos diante das mudanças. Num diálogo entre o pai e a mãe de Gizinha, nota-se que no fundo ambos são complacentes com as modernidades da filha. Numa certa passagem, a mãe de Gizinha, dona Regina afirma dizendo:

*-“você é do tempo antigo”-
-“pois quero ser mesmo do tempo antigo, que ao menos havia mais seriedade e as mulheres andavam vestidas”, retruca, Azevedo, pai de Gizinha
-“se você fala todo dia nisso, por que não obriga sua filha a se vestir?”
-“Porque não quero que ela fique atrás das outras e fora da moda.” respondeu o pai.⁵⁹*

A busca frenética para a superação do antigo e do atraso, empreendida pela elite dirigente, parecia estender essa preocupação aos natalenses em geral. Todos parecem se mostrar interessados em “estar em dia,” atualizados com os fatos, pois, ficar “fora da

⁵⁷ A “Aliança Feminina” e a Moda. A REPÚBLICA, 22 out. p.1 1921

⁵⁸ FRANÇA, Aderbal de. Impressões da moda. A REPÚBLICA, p.2, 29 set. 1925.

⁵⁹ FEITOSA, Policarpo. Gizinha p.,25

moda” era não estar sintonizado com as mudanças em curso no momento. O romance de ficção retratou bem essa faceta da realidade presente no contexto social da época.

Em fins da década de vinte, o jornal A República abriu uma coluna semanal intitulada “*Modas Femininas*”, e uma matéria nesse periódico sugeria que as elegantes de Natal já podiam acompanhar a moda dos grandes centros de forma mais rápida, utilizando o rádio como meio para receber os desenhos das *toilettes*, tal como os americanos estavam procedendo:

“Pelo milagre do rádio as nossas elegantes poderiam agora mesmo solicitar os desenhos das chinoiseries mais recentes(...) poderiam comparecer às reuniões brilhantes do Aero Club, embrulhadas nas suas capas de veludo, vestidas á maneira parisiense(..)”⁶⁰

De par com o discurso de modernidade que chegava à cidade, havia também um discurso de modernidade voltado às mulheres. Porém, esse avanço que elas se permitiam não era dirigido no sentido de emancipação das mesmas. A liberdade que lhes era oferecida destinava-se praticamente a um certo falseamento da realidade, pois, praticamente, restringia-se a tê-las na condição de ornamento social, com maior ênfase no âmbito do domínio público, e, ainda assim, limitada a determinados procedimentos no comportamento e atitudes.

Tudo, portanto, incitava à preocupação obsessiva com a própria imagem: tanto a jovem de família, que deveria saber como vestir-se elegantemente, comportar-se em público e agradar para conseguir um “bom partido,” quanto para a boa dona-de-casa, ameaçada de ser confundida com seu avesso, a prostituta, caso excedesse no uso do batom ou no decote das blusas. Padrões estéticos, lugar social e recursos simbólicos participavam progressivamente na construção das novas identidades sociais e sexuais na cidade urbanizada.

As mulheres que investiam todas as suas energias no cultivo da própria imagem, no embelezamento do corpo, eram censuradas em inúmeros artigos da imprensa, ou nos discursos médicos, como o avesso da mãe altruísta e dedicada. Num contexto de transformações e mudanças, o papel da mãe como educadora era reafirmado pela sociedade - que busca a construção de uma ordem, através da volta da mulher ao seio familiar e ao espaço privado - como atividade mais importante da mulher, porém com uma concepção de uma mãe mais racional, inteligente, moderna, conhecedora de hábitos de higiene e saúde, em oposição à figura da mãe instintiva, ignorante e conservadora. Para que fosse

possível a formação desse novo tipo de mãe, foi fundada na cidade do Natal a Escola Doméstica.

⁴⁰ A moda pelo rádio. *Vida Social*. A REPÚBLICA, p.2. 03, maio 1929.

CAPÍTULO III – MULHERES NA SALA DE AULA

O crescimento das cidades brasileiras no período entre 1915 e 1930 não abre amplas perspectivas profissionais para as mulheres. Afinal, a preocupação com sua educação visa a prepará-la não para a vida profissional, mas para exercer competentemente sua função essencial: a carreira doméstica. A educação que lhes era oferecida contribuía para desempenhar um papel fundamental no nascimento da família moderna.

Na instrução das filhas de grupos sociais privilegiados, ensino da leitura e da escrita, eram geralmente ministrado em suas próprias casas por professoras particulares, ou em escolas religiosas. As habilidades com a agulha, os bordados, as rendas e as práticas culinárias também faziam parte da educação das moças, acrescida de elementos que pudessem torná-las não apenas uma companhia mais agradável ao marido, mas também uma mulher capaz de bem representá-lo socialmente. O domínio da casa era claramente o seu destino e para atuar nele as moças deveriam estar plenamente preparadas.⁶¹

A educação da mulher brasileira no princípio do século XX, foi sendo construída sob a concepção de que “*as mulheres deveriam ser mais educadas do que instruídas,*”⁶² ou seja, para elas a ênfase deveria recair sobre a formação moral, sobre a constituição do caráter, sendo suficientes, provavelmente, doses pequenas de instrução, já que ela precisaria ser, em primeiro lugar, a mãe virtuosa, o pilar de sustentação do lar, a educadora das gerações do futuro. A educação da mulher seria feita, portanto, para além dela, já que sua justificativa não se encontrava em seus próprios anseios ou necessidades, mas em sua função social de educadora dos filhos, os futuros cidadãos.

Ainda que a educação feminina viesse a representar, sem dúvida, um certo ganho para as mulheres, sua educação continuava a ser justificada por seu destino de mãe. Tal justificativa já estava exposta na primeira lei de instrução pública do Brasil, de 1827:

*“As mulheres carecem tanto mais de instrução, porquanto são elas que dão a primeira educação aos seus filhos. São elas que fazem os homens bons e maus; são as origens das grandes desordens, como dos grandes bens; os homens moldam a sua conduta aos sentimentos delas.”*⁶³

Essa lei de instrução pública de 1827 determinava a gratuidade da instrução primária a todos os cidadãos, estabelecendo a criação de escolas para meninas, onde aprendia-se a

⁶¹ PRIORE, Mary Del (Org.) História das mulheres no Brasil.

⁶² ARAÚJO, Rosa Maria Barboza de. A vocação do prazer, p. 179

ler e escrever, fazer as quatro operações, além de costurar e bordar. Já a educação secundária ficaria oferecida à população masculina, “diferenciando-se, desde então, a educação de um e de outro sexo.”⁶⁴

Na verdade, o ensino secundário destinava-se a quem pretendia prosseguir nos estudos, o que não era compatível com a posição da mulher, nem racional, já que não se esperava dela o ingresso no mercado de trabalho. A incompatibilidade do casamento e da maternidade com a vida profissional foi uma das construções sociais mais persistentes; já que a valorização da função feminina no lar, foi construída através de vínculos estabelecidos entre o espaço doméstico e a sociedade mais ampla.

A mulher - zelosa pelo bem estar da família, cumpridora dos valores da moral e atenta à saúde dos filhos, à limpeza e organização das dependências da casa - representava o sustentáculo da sociedade através da construção de um lar estável, saudável e feliz.

Uma série de rituais e símbolos, doutrinas e normas foram mobilizados para a produção da mulher ideal: honesta, prezada e dedicada aos filhos e marido. As escolas destinadas ao ensino feminino, plantadas inicialmente nas principais capitais do país, tinham em seu espaço interno uma organização plena de significados: “*seus corredores e salas, a capela ou o crucifixo, as bandeiras ou os retratos de autoridades, os quadros de formatura ou os bustos das ‘personalidades ilustres’ estão afirmando ou ocultando saberes, apontando valores e ‘exemplos’, sugerindo destinos.*”⁶⁵ O sistema escolar é que fala à mulher, que lhes diz como ser ou como agir, enfim, que institui um sistema de valores, com ordem, disciplina e vigilância.⁶⁶

A normatização das estudantes fazia-se nas solenidades e rituais, na obediência a superiores, na observância da pontualidade, da assiduidade, da regularidade e da ordem. Construía-se, dentro da instituição educacional, uma estética e uma ética. Uniformes sóbrios, avessos à moda, escondiam os corpos das jovens, tornando-as praticamente assexuadas, e combinavam com uma postura discreta e digna. Na escola, a sexualidade feminina era controlada e monitorada pelas normas e disciplinas impostas: as jovens alunas aprendiam um modo adequado de se portar em público; com gestos e olhares modestos e decentes, aprendiam as formas apropriadas de se comportar, falar, caminhar e sentar.

⁶⁴ Lei de Instrução Pública do Brasil, 1827, apud VIDAL, Diana Gonçalves (Org). A memória e a sombra: a escola brasileira entre o Império e a República, p. 73

⁶⁵ Ibid, p. 80.

⁶⁶ SOUZA, M. C. C. C. Sob o silêncio da escola, a memória: Revista Brasileira de História, p. 280

⁶⁷ Para maiores informações sobre o sistema de disciplina e ordem aplicados nas escolas européias no séc. XX, ver: FOUCAULT, Michael. Vigiar e punir: nascimento das prisões, 1989

A escola era composta por diversos elementos disciplinadores, que agiam de maneira sistemática, objetivando a formação de mulheres obedientes, honestas e de sólida formação moral. A disciplina escolar implicava numa vigilância constante das estudantes; ou seja, não bastava conferir, às vezes, se haviam se portado conforme à regra; era preciso vigiá-las durante todo o tempo em que se encontravam na escola, afinal, “*A disciplina é o conjunto de técnicas pelas quais os sistemas de poder vão ter por alvo e resultado os indivíduos em sua singularidade.*”⁶⁷

Aliadas à sociedade brasileira, as instituições educacionais destinadas ao público feminino colaboraram na construção de um modelo normativo de mulher - mãe/esposa/dona-de-casa - ansiado pela elite burguesa, pregado pelos médicos e incentivado pela imprensa que atribuía à mulher a tarefa de velar pela saúde das crianças,⁶⁸ fato que pode ser observado através do grande número de anúncios de remédios, fortificantes e de sabonetes infantis presentes em periódicos destinados ao público feminino.⁶⁹

3.1- A educação doméstica em Natal

Na capital do Estado do Rio Grande do Norte, após a República, abriram novas oportunidades para a entrada do sexo feminino em escolas secundárias, conforme nos informa Tarcísio de Medeiros: “*Em 1903, fizeram exames de humanidades no Ateneu as primeiras mulheres: Sidrônia de Carvalho, Maria Aminda Caldas, Edilbertina Filgueira Avelino.*”⁷⁰

Em meados de 1909, o intelectual Henrique Castriciano de Souza,⁷¹ então secretário de governo na gestão de Alberto Maranhão, viajou à Europa com o objetivo de obter informações sobre o funcionamento de escolas para moças na Suíça. Em seu regresso a Natal, ele divulgou uma proposta de criação de uma entidade denominada “Liga do

⁶⁷ FOUCAULT, Michael. *Microfísica do poder*, p.107

⁶⁸ Sobre a valorização da infância e medicalização da família, ver: COSTA, Freire Jurandir. *Ordem médica e norma familiar*, 1989

⁶⁹ Principalmente as Revistas *Feminina*, *A Cigarra* e *Vida Moderna*

⁷⁰ MEDEIROS, Tarcísio da Natividade. Síntese histórica da educação do Rio Grande do Norte. *Revista do Instituto Histórico e Geográfico do Rio Grande do Norte*, v.5, n.65 p. 184

⁷¹ Henrique Castriciano de Souza - intelectual formado em direito pela faculdade do Rio de Janeiro, poeta e político influente, fundador da Liga do Ensino e da Escola Doméstica de Natal. Para maiores informações sobre sua vida e produção literária, ver: CASCUDO, Luís da Câmara. *Nosso amigo Castriciano*.

Ensino” cujo objetivo seria auxiliar os poderes públicos em relação à instrução e à educação da mulher.

A Liga do Ensino foi inaugurada em Julho de 1911, com o intuito de aproximar a escola da família, através da educação doméstica que *“faz da mulher, educada na simplicidade, no trabalho intelectual e manual bem orientado, um elemento destinado a melhor cuidar de seus filhos, seu esposo e seu lar.”*⁷²

Em um contexto urbano em transformação, e na constante busca da elite em inserir elementos modernizantes no espaço urbano de Natal, a proposta de uma escola voltada ao ensino doméstico feminino não só foi aceita, como foi patrocinada pelo governo de Alberto Maranhão. O Estado fez a doação do terreno no recém projetado bairro da Cidade Nova, e promoveu a construção do prédio da Escola Doméstica de Natal.

Em se tratando, de uma *Escola Doméstica*, única escola nesse gênero no país e pioneira em toda a América do Sul no ensino doméstico, havia imensa expectativa e curiosidade por parte da sociedade local por informações a cerca de sua construção e organização.

O jornal A República em 28 de Agosto de 1914, traz uma página completa com informações sobre o andamento das obras e sobre os preparativos que vinham sendo cuidadosamente feitos para o tão ansiosamente esperado dia inaugural. À iniciativa da implantação de uma instituição voltada para instrução doméstica da mulher norte-rio-grandense, eram dirigidos fartos elogios e palavras de saudações:

*“Está verificado que, dada a preponderância que tem a mulher na família, é muito mais vantajoso para as classes medianas que ella tenha o preparo sufficiente para formar o espirito das filhas, dando-lhes, firmeza de vontade e a educação cívica indispensável á vida das nações. Foi pensando nessa missão educativa para uma finalidade nacional economica e política tão vasta que os fundadores da Liga do Ensino, organizaram a Escola Doméstica.”*⁷³

A cerimônia solene de inauguração da Escola Doméstica de Natal aconteceu em 1º de setembro de 1914, no salão central do próprio prédio, sob a presidência do governador do Estado, com a presença da diretoria da Liga do ensino, as professoras suíças *Helena Bondoc e Jeanne Negulesco*, o representante do bispo diocesano e altas autoridades da educação local. O acontecimento sublinhou o grande interesse das elites locais no evento:

“O comparecimento das pessoas da mais elevada posição social que assistiram a essa cerimônia demonstra o interesse que esse instituto de ensino profissional

⁷² Circular, programas, estatutos: início da Liga de Ensino, 13 maio 1911

⁷³ A REPÚBLICA, 28 ago. 1914

da mulher - o primeiro que surge no Brazil - desperta no povo riograndense, pressuroso como sempre, por todos os órgãos de sua representação, em aceitar e amparar todas as manifestações do progresso."⁷⁴

A Escola Doméstica de Natal iniciou suas aulas sob a direção de Helle Bondoc e corpo docente composto por professoras européias, funcionando em atendimento as alunas nos moldes de internato e de semi-internato, variando o pagamento de acordo com o regime (interna ou semi-interna) escolhido. As mensalidades pagas pelas famílias à Escola Doméstica de Natal era de 50\$000 às alunas internas e de 30\$000 às alunas semi-internas. Estas últimas cumpriam o horário de permanência na escola entre 7:30 h às 18:00 h.⁷⁵

O programa de estudos da escola, organizado pela diretora, *Helene Bondoc*, compreendia as mais diversas áreas do conhecimento doméstico, dividindo-se em cursos teóricos e cursos práticos, desde as áreas da aprendizagem doméstica propriamente dita, como: cozinha prática e teórica, curso de alimentação, de leiteria, lavagem de roupa, conserto de roupa, economia doméstica, corte e feitura do vestuário, jardinagem, horticultura, etc, até a seção de áreas pouco conhecidas pela mulher do período, como: química, botânica, física, anatomia, puericultura, higiene individual e medicina prática. Sendo este vasto e inovador programa, autorizado em 27 de Agosto de 1914, pelo presidente do Conselho Diretor da Liga do Ensino de acordo com o art.19 n.VI dos respectivos estatutos.

O programa de estudos da Escola Doméstica de Natal, é constituído com o que há de mais moderno - de acordo com os currículos das escolas européias - na área do conhecimento médico-higienístico; as disciplinas de psicologia, puericultura e higiene física e alimentar eram a área do conhecimento que vinham ganhando cada vez mais espaço na sociedade brasileira. As alunas da Escola Doméstica eram instruídas com base no estudo do desenvolvimento saudável das crianças, assim como, as formas mais adequadas e modernas de tratá-las. Os cuidados afetivos, a alimentação, a prevenção e o trato de doenças e a higiene dos pequenos passavam pelas novas descobertas e conceitos científicos, ensinados - pioneiramente - nos bancos escolares da Escola Doméstica de Natal.

O regulamento da escola determinava como condições de admissão, que as alunas deveriam ter idade acima de 15 anos e possuir um diploma ou atestado de conclusão da escola primária. Aquelas que fossem internas deveriam trazer, como enxoval, além dos

⁷⁴ A REPÚBLICA, 02 set. 1914

vestidos e da roupa de cama e de toucador, quatro aventais de cor, com mangas que cobrissem inteiramente o vestido e quatro aventais brancos de diversos modelos; o penteado simples era absolutamente indispensável, e as jóias não eram admitidas na escola, sendo também necessário um chapéu de palha, simples e grande para os trabalhos de jardinagem.⁷⁶

A rotina diária da Escola Doméstica de Natal iniciava-se às 7:30h com o desjejum (em seguida) as aulas. Ao meio dia era servido o almoço. Retomavam então às aulas e às 16:00h paravam para tomar a merenda. Sendo às 19:00h servido o jantar, refeição restrita apenas às alunas em sistema de internato, já que as alunas semi-internas eram liberadas às 18:00h.⁷⁷

A sociedade norte-rio-grandense festejava a instalação de um estabelecimento que inspirava modernidade, pioneirismo e patriotismo, pois, *“...através de disciplina e ordem às moças, futuras mães de família, seriam educadas a fundar e zelar um lar de onde sairão cidadãos preparados para colaborar no progresso da pátria...”*⁷⁸ O Jornalista Ponciano Barbosa, escreveu no jornal *A República*, em 03 de Dezembro de 1914 que, da escola sairiam: *“...virgens aptas para a reorganização desta sociedade, tendo seus esforços conjugados affectuosamente pelos chefes de família desejos de verem suas filhas bem educadas, constituindo com intelligencia, a tradicional conduta de costumes, a riqueza e perspicácia do character, um povo forte...”*

Dentre todo o vasto programa de estudos, destaca-se o setor de puericultura, sendo, talvez a parte mais importante e valorizada da sociedade do período que, contagiada com a “campanha de desodorização” ocorrida inicialmente na Europa e alastrada por todo o Brasil, extravasando os limites da saúde individual e modificando a feição social da família para adaptá-la à ordem urbana.

Nesse período, de grande preocupação com a higiene e com a infância, a imagem feminina está diretamente ligada à idéia da “guardiã do Lar”, já que a família higiênica tão propagada passa a solicitar insistentemente a participação da mulher como: mãe devotada, carinhosa, prezada e preocupada com a higiene da casa e a manutenção da saúde de seus filhos e marido, encarregada pela prosperidade da família. Nesse contexto, o currículo ministrado na Escola Doméstica de Natal, contendo os cursos de medicina prática e

⁷⁵ Ibid.

⁷⁶ REGULAMENTO da Escola Doméstica de Natal. *A República*. 10 fev. 1913

⁷⁷ *A REPÚBLICA* 26 ago. 1914

⁷⁸ TRECHO da palestra da Directora *Hellen Bondoe*. *A República* 23 set. 1914



puericultura era repleto de conhecimentos científicos sendo muito apreciados pela sociedade que reafirmavam o papel da mãe como educadora, como atividade mais importante da mulher, porém de uma mãe racional, moderna, possuidora de conhecimentos científicos; em oposição à figura instintiva, ignorante e conservadora do passado.

O ensino da puericultura era ministrado pela professora *Leora James*, diplomada pelo *Watts Hospital* (Estados Unidos). Ela fora contratada especialmente para desempenhar tal função, e as orientações que ministrava às alunas foram relatadas no jornal *A República* de 1919: "*as alumnas acompanhavam a evolução physio-phychica de seis crianças internadas na creche mantida pela escola, num prédio anexo, de dois dias até cinco annos de idade. Regimen alimentar, maneira de vestir, valor hygienico do peso crescente, molestias e therapeutica, a dentição, o choro, o andar, tudo é objecto de estudo nessa secção, dirigida pela professora e pelo médico da casa.*"⁷⁹ Já o programa de medicina prática e higiene do lar era o mesmo de um curso para enfermeiras, sendo permitido ao médico trazer algumas crianças enfermas, para serem tratadas pelo médico com o auxílio e acompanhamento das alunas.

A Escola logo foi reconhecida por toda a sociedade como um importante estabelecimento na formação dessa mulher: mãe dedicada/ esposa carinhosa/ dona-de-casa prezada; elaboram-se (com dispositivos criados pela sociedade recém urbanizada, médicos higienistas e a Igreja) uma representação simbólica da mulher moderna: afetiva, mas assexuada, voltada para o lar e os cuidados com a higiene e saúde dos filhos.⁸⁰

O crescente desenvolvimento do espaço urbano e novas oportunidades de frequência em espaços públicos passa a exigir das mulheres um bom preparo e educação para o casamento e a sua circulação nos espaços sociais que surgem na cidade. A educação oferecida à mulher brasileira estava associada a preparação de sua vida conjugal e doméstica; os conhecimentos que adquirissem na escola deveriam auxiliar a dissipar os antigos preconceitos e erendices populares tornando-a uma mãe conhecedora das técnicas de higiene desde o preparo da alimentação até a prevenção de doenças no seu núcleo familiar. Sendo a instituição educacional do Estado, que abarcava todas as expectativas da

⁷⁹ A REPÚBLICA, 10 out. 1919, p. 2

⁸⁰ RAGO, Margreth. *Do cabaré ao lar: a utopia da cidade disciplinar, Brasil 1890-1930*, 1985

vida urbana, a Escola doméstica de Natal foi reconhecida pelo decreto 34 do Estado, em 26 de janeiro de 1915, como Instituição Educacional de Utilidade Pública Estadual.⁸¹

Em 1918, a Escola Doméstica de Natal passa por reformulações em seu programa de estudos, com intuito de torná-lo mais prático: foram construídos dois pequenos laboratórios para análise química dos elementos, acrescentaram-se as seguintes disciplinas: francês, inglês, aritmética, álgebra, geografia, música e primeiros socorros. O curso que era realizado em 04 (quatro) anos, exigia agora, em 05 (cinco) anos. A escola entregava o certificado de dona-de-casa às alunas que fossem aprovadas num exame final, oral e escrito de todas as disciplinas estudadas e que preparassem um certo número de pratos submetidos a uma comissão julgadora.

As festas solenes de conclusão do curso da Escola Doméstica de Natal, aconteciam em meio a muita expectativa por parte dos familiares das alunas formandas e por parte da sociedade local como um todo. A solenidade de conclusão acontecia de maneira grandiosa: ocorria durante um dia inteiro diversas atividades que eram apresentadas à sociedade. As comemorações iniciavam-se pela manhã, com a abertura dos portões da sede da instituição para a exposição de trabalhos confeccionados pelas alunas concluintes, e transcorria por todo o dia, encerrando as comemorações com uma recepção e um concerto oferecido aos familiares e à elite local:

"... havia salão em que estavam expostos trabalhos de artesanato, em outro salão, fez-se a exposição de doces e conservas(...) havia, ainda, em treze salões, outras exposições de roupas brancas, demonstrando, a qualidade da confecção produzida na Escola... (...) A recepção e o concerto, foi frequentado pela elite natalense, numa concorrência que encheu todos os salões e o jardim da entrada..."⁸²

A direção da Escola organizava a festa de final do ano letivo com o objetivo de apresentar a toda a população local o programa de ensino e os conhecimentos ministrados e aprendidos pelas alunas; o que causava bastante curiosidade e interesse de todos, fossem pais, parentes ou pessoas da sociedade. A imprensa local registrava com certo destaque os acontecimentos das festas de conclusão do ano letivo da Escola Doméstica de Natal. O jornal A República de 02 de Novembro de 1921 relata, em uma página inteira, minuciosamente, toda a programação do dia da festa de conclusão que ocorrera:

" Na frente do edifício, às dez horas do dia 28, quando a Escola abriu os seus salões, tornou-se intenso o movimento de automóveis, muitas famílias querendo

⁸¹ MENSAGEM do Instrutor de educação do Estado do Rio Grande do Norte, p. 3

⁸² AS FESTAS finais de anno lectivo empolgam a sociedade de Natal. A República 01 nov. 1921.

*satisfazer a justa curiosidade(...) Os pais e interessados, bem como o público em geral: tiveram à vista a prova exacta do que as alumnas demonstravam, nos exames, quanto ao aproveitamento nas diversas disciplinas...*⁸³

A solenidade de conclusão do curso não se limitava à exposição de peças confeccionadas, doces e quitutes preparados pelas alunas. Era também necessário passar por um exame final (prático de cozinha), que acontecia antes de iniciar a recepção aos pais e convidados. As alunas concluintes deveriam preparar e servir um jantar íntimo oferecido pela diretoria da Escola à diretoria da Liga do Ensino, ao corpo docente da própria escola e aos pais das respectivas alunas, que eram avaliadas desde “o arranjo artístico das mesas até a escolha e preparo das iguarias.”⁸⁴

A mulher, tornou-se com a intensificação das oportunidades urbanas, uma anacronia: dinamizou-se a vida social, a vida privada; as mulheres enclausuradas do passado tornaram-se “antifuncionais” já que a vida urbana requeria, principalmente das classes mais abastadas, a “mulher do salão.” A mulher de posses, educada à nova realidade, deveria receber as visitas do marido, estar presente à mesa e às conversações; paralelamente, deveria compenetrar-se de sua nova situação social, abandonando seus antigos hábitos.⁸⁵

O corpo docente da Escola Doméstica de Natal, era composto por intelectuais da sociedade do Estado do Rio Grande do Norte e Pernambuco, conforme se vê na relação abaixo:

Dr. Francisco de Salles Meira e Sá (Juiz Federal) – Português

Dr. Henrique Castriciano de Sousa (Vice-governador do Rio Grande do Norte) – Educação Social

Dr. Manoel Dantas (Diretor Geral da Instrução Pública) – Geografia, Direito Usual

Dr. Varella Santiago (Médico do Hospital de Alienados e Diretor do Instituto de Assistência à Infância) – Medicina do Lar

Miss Leora James (Diplomada pelo Peace Institute, ex-diretora da Escola Superior do Estado da Virginia e North Carolina, ex-aluna da Columbia University, New York City) – Matemática, Química, lavanderia, Caligrafia.

Miss Stella Minor (Universidade de Missouri), - Cozinha, Costura, Engomado

⁸³ AS FESTAS de ontem. A República, 29, out. 1921

⁸⁴ A REPÚBLICA, p. 2, 29 out. 1921

⁸⁵ FREIRE, Gilberto. Sobrados e mucambos: decadência do patriarcado rural e desenvolvimento urbano 1961

Miss. Alice Rives (Winthrop Normal, Universidade da Geórgia) – Agricultura e Indústrias Conexas, Inglês

Mlle. Susanne Loison (Collegio de Chartes na França) – Cultura Física e Francês

D. Beatriz Carneiro Leão (Collegio Americano Batista em Recife) – Português e História

Miss. Rosa James (Watts Hospital) – Medicina do lar e Puericultura.

A medida em que foi sendo conhecida e festejada pela imprensa local e posteriormente pela imprensa nacional, a escola inspirada nos moldes da *Escola Menágero de Friburg*, foi atraindo não apenas as moças da elite local mas, de outros estados da região nordeste e até do sul do país, o que o jornal do Rio de Janeiro escreveu em 1919: “*Vale a pena ir até o Rio Grande do Norte, para ver uma coisa muito singela na sua execução e aliás única do Brasil- a Escola Doméstica, que oferece um conjunto de educação caseira combinada com educação liberal, preparando a um tempo as moças para habéis donas de casa, previdentes mães de família e senhoras de sociedade...*”⁸⁶

Com o passar dos anos, a Escola Doméstica de Natal, passou a ser reconhecida e admirada no país. Sua proposta pedagógica ganhava projeção nacional, tornando-a em “*sala de visitas de Natal*.”⁸⁷ Nela eram recebidos os mais ilustres visitantes que vinham à cidade, recepcionados com almoço ou jantar nas suas dependências eles deixavam, no livro de visitas, anotadas suas impressões sobre a instituição.

O Presidente Nilo Peçanha, em uma visita feita à capital, em 20 de outubro de 1921, após conhecer as dependências da Escola Doméstica de Natal, e de ser homenageado, com um requintado almoço, no salão de recepção, deixou registrado suas impressões sobre a referida instituição de educação feminina.

“O Brasil precisa de fundar, em cada uma de suas capitais, um estabelecimento como este. O Brasil de ontem, saiu das academias, e o de amanhã há de sair das Escolas Profissionais”

Assim como o Presidente Nilo Peçanha, diversas outras autoridades políticas também, em visita à Natal, estiveram na Escola Doméstica, e registaram, no livro de visitas da escola, suas opiniões sobre o estabelecimento educacional que acabaram de conhecer. O Governador da Bahia, J.J. Seabra, e o Deputado Federal Leiria Andrade, em visita à essa instituição escolar, respectivamente em 10, set. 1921 e 08, set. 1925, são um bom exemplo:

⁸⁶ *Comercio do Rio*, p.2., 23, ago. 1919

⁸⁷ PINTO, Lauro. *Natal que eu vi*, p.84

"A Escola Doméstica de Natal é um estabelecimento que obriga a admiração, impõe imitação e honra o estudo do Estado do Rio Grande do Norte. Só podemos ter aplausos para uma instituição como esta, onde vivem a ordem e a disciplina"
J. J. Seabra, Governador da Bahia

"A minha impressão é ótima. Sinto que o meu país não tenha disseminado em cada Estado um estabelecimento congênere. Já que, em geral, não se cuida entre nós, de educação doméstica, a base sólida que é do futuro da nossa nacionalidade."
Leiria de Andrade, Deputado Federal.⁸⁸

A Escola Doméstica de Natal, idealizada e patrocinada pela elite norte-rio-grandense, era a instituição que correspondia às aspirações modernizantes (importadas da Europa, e presentes nas maiores capitais do país), na construção de um novo modelo normativo de mulher. Seu programa de ensino tinha como objetivo *"à formação de jovens capacitadas ao ministério da maternidade e do matrimônio..."*⁸⁹

A Escola Doméstica de Natal, parecia desenvolver um movimento ambíguo: de um lado, apresentava-se como uma instituição moderna, porque promovia uma espécie de ruptura com o ensino desenvolvido no lar, colocando-se como mais capaz ou com maior legitimidade para ministrar os conhecimentos (de higiene e saúde da família), agora exigidos à mulher moderna, tornando a tarefa da mãe administrada pela ciência; de outro lado, a Escola apresentava-se como uma instituição tradicional, promovendo, através de vários meios, reforçando sua ligação com a casa, na medida que cercava a formação docente de referências à maternidade, as prendas do lar e ao afeto. A Escola Doméstica de Natal adquiria, também, o caráter da casa idealizada, sendo apresentada como um espaço afastado dos conflitos e desarmonias do mundo exterior, um local limpo e bem cuidado, administrado pela ciência

⁸⁸ COLETÂNIA do livro de visitantes da Escola Doméstica de Natal

CONCLUSÃO

O estilo de vida da sociedade natalense atravessou um longo processo de transformação impulsionado pela intensificação da urbanização da cidade do Natal. A mudança de valores familiares se faz notar nos padrões de comportamento tradicional que vão aos poucos dando lugar a uma forma mais moderna de convívio social. As novas oportunidades urbanas de trabalho e convívio, a dinamização da vida, a ampliação de serviços essenciais e especialmente a renovação estética e sanitária da cidade favorecem a integração social do grupo familiar. A intimidade da família com a rua desenvolveu o gosto da população pelo lazer.

As reformas do espaço da cidade do Natal não se deram com uma demanda socioeconômica da população, mas com a finalidade de promover as mudanças desejadas pela elite local. A essa elite coube um papel importante na condução da modernização, pois sua atuação foi regulada por seus próprios interesses, que determinaram o vigor das intervenções realizadas, e pela imagem de cidade e de vida moderna que a tinham seduzido.⁸⁸ Os valores éticos modernos e a redefinição dos padrões de comportamento, devidos sobretudo à maior socialização da mulher, passam a fazer parte do cotidiano da cidade do Natal.

A educação oferecida à mulher da cidade do Natal, especificadamente, à ministrada na Escola Doméstica de Natal, que tinha como centro o ensino doméstico, desnudaram as incoerências entre o discurso modernizante da sociedade local, com a implantação de um estabelecimento educacional que aspirava inovação e pioneirismo (em sua estrutura física e conhecimentos científicos ministrados) na formação de jovens alunas; entretanto, a Escola Doméstica de Natal veio reafirmar, através de seu programa de ensino, valores e comportamentos tradicionalmente associados à figura feminina, os quais haviam sendo esquecidos e/ou substituídos, diante do processo de modernização que a cidade e a sociedade passava.

Essa dicotomia percebida na proposta pedagógica da Escola Doméstica, é também encontrada no imaginário da sociedade local no período. A busca pelo novo entrava em contradição com a permanência de antigos valores e hábitos que ainda permeavam na cidade do Natal.

⁸⁹ GERALDO, José de Albuquerque. Henrique Castriciano: um reformador social p.32

A questão dos papéis femininos no processo de crescimento e urbanização da cidade do Natal é uma questão ampla e necessária para a compreensão da inter-relação da família com a rua e a cidade. A mulher potiguar surge como um vasto e quase inexplorado campo para a reconstrução da história social da capital do Estado do Rio Grande do Norte. As redefinições dos papéis passam a ser compreendidos através do perfil traçado para homens e mulheres modernos, que ao se depararem com uma nova ordem social, na qual se estreitam os laços de convívio, passam a ser necessárias novas normas de conduta: vestir-se, comportar-se e falar em público eram preocupações que cercavam o cidadão moderno.

A questão da relação entre a cidade do Natal e a mulher apresenta um leque rico de possibilidades de pesquisa. No entanto, a complexidade dessa inter-relação entre família e cidade exigiria uma coleta de informações mais completa do sistema educacional norte-riograndense e de dados mais esclarecedores com relação as contradições existentes entre a conduta feminina idealizada e a conduta que realmente era praticada pelas mulheres na zona urbana da cidade do Natal.

Os obstáculos encontrados na definição de uma concepção de educação, e da corrente pedagógica que orientava a formação das alunas da Escola Doméstica de Natal, se dão pela inexistência de pesquisas científicas nesse campo; e pela ausência de fontes, nas quais se pudesse explorar os aspectos ligados ao cotidiano da prática pedagógica dos professores.

A Escola Doméstica de Natal é representada, em todas as fontes pesquisadas, como uma instituição moderna, na qual se aplicava na prática o conhecimento teórico estudado. No entanto, é necessário observar que embora a Escola Doméstica tenha acrescentado à educação feminina conhecimentos científicos até então desconhecidos das mulheres, a Escola Doméstica preparava, de acordo com os mais modernos conceitos e conhecimentos científicos, a mulher para atuar, de maneira eficiente, nos restritos limites da esfera doméstica, já que a família continuava a ser o seu lugar.

⁸⁸ PAIVA, Giovana de Oliveira. De cidade à cidade: o processo de modernização do Natal 1889/1913.

FONTES

- ANUÁRIO** estatístico do Brasil. Rio de Janeiro, 1995.
- A REPÚBLICA**, Natal, 03 jan. 1901 - 21, maio. 1902
- A REPÚBLICA**, Natal, 05 jan. 1904 - 06, fev. 1906
- A REPÚBLICA**, Natal, 13, maio. 1911
- A REPÚBLICA**, Natal, 10, fev. 1913
- A REPÚBLICA**, Natal, 26, ago. 1914 - 02, set. 1914.
- A REPÚBLICA**, Natal, 20, jul. - 13, set. 1919
- A REPÚBLICA**, Natal, 12, ago.- 01, nov. 1921
- A REPÚBLICA**, Natal, 07 jan. 1925
- A REPÚBLICA**, Natal, 13 mar. - 10 set. 1928
- A REPÚBLICA**, Natal, 03 maio. 1929
- COMMÉRCIO** do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 23 ago. 1919
- COLETÂNEA** do livro de visitantes da Escola Doméstica de Natal. *A República*, 10 out. 1926
- FEMININA**, v.6, n.36. Rio de Janeiro, 1915
- FRANÇA**, Aderbal de. Impressões da Moda. *A República*, Natal, 29 set. 1925
- ÍRIS**, v.4, n 18. São Paulo. 1915.
- MENSAGEM** do Inspector de Educação do Estado do Rio Grande do Norte Natal, 22 abr. 1915. Disponível em: <<http://www.erl.uchicago.edu/info/brazil.pindex.htm>>. Acesso em: 09 jun. 2002.
- MENSAGEM** do Inspector de Higiene e Saúde Pública do Estado do Rio Grande do Norte. Natal, 12 maio. 1916. Disponível em: <<http://www.erl.uchicago.edu/info/brazil.pindex.htm>>. Acesso em: 11 jul. 2002.
- MENSAGEM** do Inspector de Segurança Pública do Estado do Rio Grande do Norte. Natal, 18 dez. 1921. Disponível em: <<http://www.erl.uchicago.edu/info/brazil.pindex.htm>>. Acesso em: 05 jul. 2002.
- O LAR FELIZ**, v.12, n..28, Rio de Janeiro, 1916.
- REVISTA** do Instituto Histórico e Geográfico do Rio Grande do Norte. Natal, v.5, n. 65 1973.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ARAÚJO, Rosa Maria Barbosa de, **A vocação do prazer: a cidade e a família no Rio de Janeiro republicano**. Rio de Janeiro: Rocco, 1993.
- ARRAIS, Raimundo. **Recife, culturas e confrontos: as camadas urbanas na Campanha Salvacionista de 1911**. Natal: EDUFERN, 1998.
- BERMAN, Marshall. **Tudo que é sólido desmancha no ar: a aventura da modernidade**. São Paulo: Companhia das letras, 1986..
- CASCUDO, Luís da Câmara. **História da cidade do Natal**. 2 ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1980.
- _____. **Nosso amigo Castriciano**. Recife: Imprensa Universitária, 1921.
- CAULFIELD, Suseann.. **Em defesa da honra: moralidade, modernidade e nação no Rio de Janeiro(1918-1940)**. São Paulo: UNICAMP, 2000.
- COSTA, Jurandir Freire .**Ordem médica e norma familiar**, Rio de Janeiro: Graal, 1989.
- DIAS, Maria Odília Leite da Silva. **Quotidiano e poder: em São Paulo no século XIX**, São Paulo: Brasiliense, 1984.
- D'INCAO, Maria Ângela. Mulher e família burguesa. In: PRIORE, Mary Del (Org). **História das mulheres no Brasil**. 2.ed. São Paulo: Contexto, 1997.
- DONZELOT, Jacques **A Polícia das Famílias**. Rio de Janeiro: Graal, 1980.
- FALCI, Miridan Knox. Mulheres do Sertão Nordestino. In: PRIORE, Mary Del (Org). **História das mulheres no Brasil**. 2ª ed. São Paulo: Contexto, 1997.
- FEITOSA, Polycarpo. **Gizinha**. Natal: Fundação José Augusto, 1965.
- FOUCAULT, Michael. **Microfísica do poder**. 9 ed. Rio de Janeiro: Graal, 1990.
- _____. **Vigiar e Punir: o nascimento das prisões**. 6.ed. Petrópolis: Vozes, 1997.
- FREIRE, Gilberto. **Sobrados e mucambos: decadência do patriarcalismo rural e desenvolvimento urbano**. 3.ed. Rio de Janeiro: Olympio, 1961, v 1.
- GERALDO, José de Albuquerque. **Henrique Castriciano: um reformador social**. Natal: PRAEU, 1985.
- GONÇALVES, Zilá Ferreira (Org.) **Em busca de Thargélia: poesia escrita por mulheres em Pernambuco no segundo Oitocentismo (1870-1920)**. Recife: FLINDARPE, 1996, v 2.

HOLANDA, Sérgio Buarque de (Org). **História das civilização brasileira**. São Paulo: Difel, 1984, v1

LIMA, Pedro de, **Natal século XX: do urbanismo ao planejamento urbano**, Natal: EDUFRN, 2001

MALUF, Marina; MOTT, Lúcia Maria. Recônditos do mundo feminino. In: SEVCENKO, Nicolau (Org). **História da vida privada no Brasil**. São Paulo: Companhia das letras. 1998, v.3.

MARCÍLIO, Maria Luiza (Org). **Família, mulher, sexualidade e igreja na história do Brasil** São Paulo: Edições Loyola, 1993

MARINS, Paulo César Garcez. Habitação e Vizinhança: limites da privacidade no surgimento das metrópoles brasileiras. In SEVCENKO, Nicolau (Org). **História da vida privada no Brasil**. São Paulo: Companhia das Letras, 1998. v.3

MEDeiros, Tarcísio da Natividade. **Síntese histórica da educação do Rio Grande do Norte**. Natal: EDUFRN, 1988

OLIVEIRA, Giovana Paiva. **De cidade a cidade: o processo de modernização do Natal 1889/1913**. Natal: EDUFRN, 1999.

PINTO, Lauro. **Natal que eu vi**. Natal: Imprensa Universitária, 1971.

PRADO, Danda. **Ser esposa: a mais antiga profissão** São Paulo: Brasiliense, 1980.

RAGO, Margareht. **Do cabaré ao lar: a utopia da cidade disciplinar - Brasil 1890-1930**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1985.

_____. **Os prazeres da noite: prostituição e códigos da sexualidade feminina em São Paulo - 1890/1930**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1991

SEVCENKO, Nicolau. **Literatura como missão: tensões sociais e criação cultural na Primeira República**. São Paulo: Brasiliense, 1985

SOARES, Jamilson Azevedo. **Fragments do passado: uma (re)leitura do urbano em Natal na década de 20**. 1999 (mestrado em Ciências Sociais). UFRN, Natal, 1999.

SOIHET, Rachel. Mulheres pobres e violência no Brasil urbano. In: PRIORE, Mary Del (Org). **História das mulheres no Brasil**. 2.ed. São Paulo: Contexto, 1997.

SOUZA, Maria C.C.C. Sob o silêncio da escola, a memória. **Revista Brasileira de História**, São Paulo: ANPHE: Marco Zero, v.20, n.18, 1997.

SOUZA, Jardel Alves de. **O trabalho dos retirantes nas obras públicas de Natal (1900-1905)**. 2001. Dissertação (Graduação em História). UFRN, Natal.



SOUZA, Iamar de. **A República Velha no Rio Grande do Norte: 1889-1930**. Brasília: Centro Gráfico do Senado, 1989.

VAINFAS, Ronaldo. **Trópicos dos pecados: moral, sexualidade e inquisição no Brasil**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1997.

VIDAL, Diana Gonçalves; SOUZA, Maria Cecília Cortez Christiano de (Org). **A memória e a sombra: a escola brasileira entre o Império e a República**. Belo Horizonte: Autêntica, 1999.

ANEXOS

PROGRAMA da Escola Doméstica de Natal. Aprovado pela Diretoria da Instrução Publica do Estado. A Republica, Natal, ano: 26, n:191. p. 2. 08. agosto, 1914.

O presidente do Conselho Director da Liga do Ensino, em Natal, de conformidade com o art. 19, n.VI dos respectivos Estatutos, resolve adaptar, adreferendum do referido Conselho, o Programma dos estudos da Escola Doméstica, organizado pela Directora Mlle. Helene Bondoe, e que adeante se segue:

Cozinha

O curso de cozinha, para as alunas da Escola Doméstica compreenderá o estudo da cozinha operária, da cozinha burguesa, da cozinha artística e da cozinha para doentes e creanças.

A composição dos cardápios será fundada sobre os princípios de uma alimentação racional, hygienica e adaptada ás necessidades, aos recursos e aos orçamentos respectivos das diversas classes sociaes.

O custo de cada prato será rigorosamente calculado.

O curso será de três annos, e subdividido em curso theorico e curso práctico.

Cozinha Prática

Conhecimento das carnes de boa qualidade e mediocres.

Denominação commum nos açougues das partes principais do boi, do vitello, do carneiro.

Preparação da carne cozida (pot-au-feu): sopas de legumes, de massas, de ovos, de leite, de pão, de farinha, de feculentos, sopas para doentes e creanças.

Carne: deversos methodos de cozimento das carnes de boi, de carneiro, de porco.

Modo de preparar a carne. Corte das carnes, sua conservação.

Preparação das aves de quintal (volaille) modo de as depennar, chamuscar, esvasiar, arranjar para o espeto (trousser), ladear, trinchar.

Preparação do peixe, gratin, assado de grelha, frito, court-bouillon.

Legumes: preparação e cozimento dos diversos legumes.

Conservas. Massas alimenticias.

Os principaes molhos; molho pardo, molho de tomates, molho poulette, molho mousseline, molho hollandez e mayonnaise. Geiduras: modo de derretel-as e de empregal-as. Ovos. leite. Diversos modos de arranjar os ovos.

Pastellaria doméstica: Pate brisé, massa folheada, massa de levedadura. Alguns biscoitos.

Utilização dos restos

Curso Theorico da Alimentação

1. Condição duma alimentação racional
2. Diversos regimes alimentares: cozinha vegetariana
3. Regras preliminares e geraes da arte culinária
4. Compra das substâncias alimenticias. Epocas favoráveis para as diversas provisões.
5. Local da cozinha. Instalação, iluminação, ventilação, conservação e limpeza.
6. Móbilis e bateria de cozinha: Instalação e limpeza.
7. Substâncias alimenticias: carne, aves domésticas, peixe, legumes, ovos, leites, fritas, temperos.
8. Gorduras: alteração, conservação.
9. Peixes: peixe d'agua doce, peixe do mar. Conservação.
10. Legumes: especies diversas, propriedades, usos de legumes frescos, secos, conserva.
11. Ovos, leite; usos e propriedades.
12. Massas alimenticias.
13. Temperos. Bebidas: uso, propriedades, perigos e falsificações.
14. Preparação de bebidas quentes e frias.
15. Doces. preparação dos refrescos, licores, marmeladas

Leiteria

O leite. Composição, constituição e utilização dos seus diversos elementos: gordura, caseina, albumina, assucar e saes.

Alterações microbianas no leite.

Micróbios, sua multiplicação e sua função em leiteria. Falsificação do leite (desnatação, addição d'água, emprego de antisepticos).

Fabricação da manteiga: batedura (balattage) do leite azedo: desnatação, processos diversos. Batedura da nata fresca e azeda.

O queijo: princípios geraes da fabricação do queijo. Coalho, coagulação do leite.

Fabrico dos diversos queijos.

Exercícios práticos: Analyse do leite e da manteiga. Fabricação da manteiga.

Manipulação e limpeza dos aparelhos de leiteria.

Animaes Domésticos. Espécie Bovina

Caracteres da vacca leiteira.

Melhoramento do gado.

Alimentação e cuidados a dar á vacca leiteira.

Processo de ordenar.

Criação e engorda dos vitellos

Avicultura

Importância. A incubação.

Criação dos pintos: alimentação das galinhas poedeiras. Engorda.

Raças. Moléstias e parasitas.

Apicultura

Criação das abelhas de mel: modo de tratá-las: a conservação do mel: misteres culinários e medicinaes: a cêra, a colméia, o favo, vasilhame, etc.

Economia Doméstica

Trato dos aposentos e attribuições da dona de casa.

Qualidades duma bôa dona de casa [ménagere].

Papel da mulher na casa: filha, esposa, mãe.

Importância da educação. Principios geraes da direcção duma casa. Necessidade de ordem, previdencia, economia.

Conservação dos aposentos. Limpezas diárias e limpezas semanaes. O ar. O sol.

Diversos modos de iluminação: custo, vantagens e inconvenientes. Trato das lâmpadas.

Trato da mobilia. Cuidados da roupa de cama.

Limpeza dos objetos de cobre, dos crystaes, da argentaria, da louça, do vidro, do ferro estanhado etc..

Lavagem de Roupa

Passagem a ferro (repassage) e conservação da roupa branca e dos vestuários.

Distribuição da roupa branca: diversos modos de lavagem.

Modo de molhar a roupa, de a ensopar (essanger), ensaboar, fever, lavar e enxaguar, de passar ao azul, de engommar, de secar.

Passagem a ferro da roupa simplesmente lavada e da mettida em gomma. Debradura.

Lavagem das meias, dos cobertores. Conservação da roupa branca e dos vestuários de seda; processos para lhes tirar as manchas de tinta de ferrugem, de vinho, de fructas, de gorduras, de óleos, etc

Concerto da Roupa

Primeiro anno- Ponto de meia (tricot). Malhas pelo direito, pelo avesso, câtes: accrescimos e diminuições.

Costura. Os differentes pontos; ponto adeante, ponto ao lado, ponto atrás, costura achatada, em viez. Serzidura.

Serzido simples.

Concerto da roupa do corpo.

2o e 3o annos- córte e costura da roupa caseira.

Remendos: remendo em quadrado, remendo em ângulo com serzideira; serzido em ângulo com partes ajustadas em fazendas estampadas.

Contabilidade

Redacção dos actos usuaes: recibo ou quitação, nota, memorandum ou factura, vale, cessão, bilhete á ordem, convenção, procuração.

Questões de impostos, de seguros, de juros e descontos, porcentagem. Principaes formalidades postaes.

Considerações sobre a economia e a arte de poupar. Socorros mutuos. Caixa económica. Caixa de pensões.

Contabilidade doméstica: livros necessários.

Escripturação das contas domésticas duma familia commum, na cidade ou no campo.

Resumo mensal das receitas e despesas conforme sua natureza.

Organização dum orçamento. Custo de fabricação dos objetos.

Corte e feitio do vestuário

Desenho. Noções de desenho ornamental e a olho.

Conselhos sobre a harmonia das côres.

Figuras geométricas, linhas de construcção: pontos de signal (repére) para junção. tomadas das medidas e seu emprego. Princípios da construcção dos moldes.

Noções sobre as differentes especies de panno.

Manejo da machina de costura, cuidados a empregar para sua conservação

Calculo do custo de cada feitio.

Desenho do vestuário de criança; blusa, camisa (blouse chemisière), molle typó.

Rouparia

Desenho, córte, junto da camisa de mulher, calças, camisola, cobre-espartilho (cache-corset), a avental com mangas; camisas de homem, blusa. Feitio das peças indicadas

Botânica e Jardinagem

1o anno:

Vantagem da pose de um jardim para uma família de operários, no ponto de vista physico, intellectual e moral: para o indivíduo, a família e a sociedade.

Noções elementares sobre as principais partes da planta: raiz, haste, folha, flôr e suas funções. Papel da luz e do calor. Respiração das plantas.

2o e 3o annos:

Jardinagem: osolo, origem, composição dos diversos solos, propriedades, melhoramento, adubos naturais e adubos químicos.

Horta: Trabalho da terra: lavra, Segunda cava (binage).

Cultura e trato dos legumes mais nutritivos, mais úteis, mais fáceis de cultivar.

Physica

Noções preliminares. Estado dos corpos. Movimento. O pendulo. Balanças. Densidade dos corpos. Barometros. Thermometros. Mudança de estado dos corpos. Vapor. Fontes de calor. Machinas a vapor. Imans e bússolas. Para-raios. Telegrapho. Telephone. Luz eléctrica. Transmissão da luz eléctrica. Companhia eléctrica.

Chimica

Noções preliminares. Objeto da chimica. Elementos. Átomos. Moléculas. Corpos simples, corpos compostos. Combinações. Decomposições. Ácidos, bases, sales.

Chimica inorganica. Noção sobre os elementos empregados na cozinha.

Chimica organica e alimentar.

Carburetos: gaz de iluminação, petroleo, acetylenio; terebinthina, benzina, naphthalina.

Alcool: alcool commum, aguardente, vinho, cidra, cerveja.

Acidos: acido acetico, vinagre; acido tartrico, tartaro emetico.

Desinfectantes: acido phenico, formol, lysol, acido salicylico, etc.

Materiaes graxas: gorduras animaes e vegetaes.

Leite, manteiga, margarina. Saponificação, sabão, velas.

Hydrocarburetos: assucar, amido, cellulose, mel, papel.

Albuminoides: carnes, queijo, farinha de trigo, pão, massas alimentícias.

Anatomia

Cellulas, tecidos. Apparelho de locomoção. Apparelho circulatorio. Systema nervoso. As visceras. Glandulas vasculares. A pelle e seus annexos. Orgams do sentidos.

Physiologia: noções geraes sobre a vida, sangue e circulação. Systema nervoso, respiração, digestão e secreções

Hygiene Individual e Medicina Prática

2o anno:

Importância da hygiene em geral, o que se deve e o que se pode comer e beber.

Como organizar hygienicamente a existência.

O emprego do tempo: trabalho, repouso, somno.

Hygiene physica: necessidade do exercicio physico; bons e maus exercicios physicos para a mulher.

Vestuário: sua função, suas qualidades.

Vestuários especiaes: roupa branca, espartilho.

Variação da vestimenta conforme a idade e o clima.

Hygiene intellectual: hygiene do trabalho menta; leitura e myopia.

Hygiene moral: alegria e pezar; sua acção sobre o individuo. Relações do moral e do physico.

Consequências da observância e da inobservância e da inobservância das leis da hygiene.

A observância das leis da hygiene é para o individuo uma causa de saúde, de felicidade, de longevidade. Sua inobservância conduz a moléstia.

Medicina Prática

3o anno:

O quadro do doente. O leite e seus accessórios; antiseptia e asepsia. Curativos e aparelhos provisórios.

Medicamentos tópicos: feridas, modo de asscurar, pensos.

Hemostase, primeiros socorros no caso de accidente.

Observação dos doentes: pulso, temperatura, etc.

REGULAMENTO de admissão da Escola Doméstica de Natal. A República, 02 set. 1914

Condições de admissão.

A Escola Doméstica de Natal compreenderá duas categorias de alunas: as internas e as semi-internas.

São condição para admissão:

2- Ter a idade de 15 annos pelo menos;

2- Possuir um diploma ou atestado de escola primária.

As alunas de fora da cidade serão intrenas; as residentes na cidade semi-internas.

As alunas internas deverão trazer, como enxoval, além dos vestidos e da roupa de cama e de toucador, quatro aventaes de cor, com mangas que cubram inteiramente o vestido e quatro aventaes brancos de diversos modelos.

O penteado simples será absolutamente indispensável. As jóias não serão admitidas na Escola. Será também necessário um chapéo de palha, simples e gande para os trabalhos de jardinagem.

Condições Regulamentares.

Todas as alunas serão submetidas ao mesmo regulamento:

A contribuição das alunas internas será de 50\$000 mensaes, e a das semi-internas será de 30\$000 por mez.

As alunas semi-intenas deverão entrar na escola às 7:30h da manhã e sairão às 6 da tarde.

As refeições serão as seguintes: 7:30h da manhã o primeiro almoço, meio dia almoço, 4 da tarde merenda e 7 da noite jantar.

O quadro da Escola Doméstica deverá lembrar, tão completamente quanto for possível o da família.

Antes de deixar a Escola Doméstica as alunas serão submetidas a um exame oral e escripto de todas as matérias ensinadas, e prepararão um certo número de pratos que serão submetidos a uma comissão julgadora.

Será dado um certificado de "dona-de-casa" áquellas que forem aprovadas.